Aviso sobre esta tradução

Este livro é uma tradução automática do texto original em inglês, produzida utilizando ferramentas de tradução automática. Não foi verificado ou revisado pelo autor ou por qualquer outro ser humano. Portanto, podem ocorrer erros, imprecisões, frases mal formuladas ou problemas de formatação. A edição original em inglês permanece a versão definitiva.

NÃO A SODOMA

Avi Sion , Ph.D.

© **Avi Sion , 2008.**

Protegido por convenções internacionais de direitos autorais.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma,
armazenada em sistema de recuperação ou transmitida sem a permissão
expressa do autor-editor.
exceto em caso de citações breves com a devida menção da fonte.

Publicado em 2008.
Por Avi Sion em Genebra, Suíça.

ISBN 978-1497304727

Resumo

"Não a Sodoma" é um ensaio contra a homossexualidade, que utiliza argumentos biológicos, psicológicos, espirituais, éticos e políticos.

Este livro é derivado da obra maior do autor, ***Reflexões Lógicas e Espirituais*** .

Conteúdo

1.	Aceitando o desafio	5
2.	Homossexuais definidos	9
3.	Tendências homossexuais	15
4.	O papel biológico do sexo	19
5.	Sexo não reprodutivo	23
6.	Desvio e sofrimento	28
7.	Algumas causas prováveis	32
8.	Mudanças nas racionalizações	38
9.	É escolhido livremente	43
10.	Sensualidade e perversão	48
11.	Impureza espiritual	54
12.	A essência da sodomia	59
13.	Uma revolução social	64
14.	Os defensores e promotores da homossexualidade	70
15.	Algumas questões legais	75
16.	Um apelo à recuperação	81
17.	Os rabinos devem banir os homossexuais do judaísmo	86
18.	Filosofia do direito	97

1. ACEITANDO O DESAFIO

Este é um ensaio contra a homossexualidade.

Sinceramente, o tema da homossexualidade me causa muito repulsa. Preferiria ignorá-lo completamente, para não ser influenciado negativamente por ele e para não ser associado a ele de forma alguma na mente de outras pessoas. A homossexualidade existia no mundo ao meu redor quando eu era mais jovem, mas era algo com que raramente nos deparávamos. Mas hoje em dia, a mídia martela o assunto em nossas mentes, de modo que quase não passa um dia sem que ele seja trazido à nossa atenção, mesmo que relutantemente.

É como se os homossexuais não se contentassem em ser homossexuais, mas quisessem impor sua presença ao resto de nós. Eles são agressivos ética e politicamente, exigindo que todos os outros os considerem e os tratem como normais. Aliás, mais do que isso: querem até que todos sigamos o seu caminho e que nossos filhos sejam educados para fazer o mesmo.

Recentemente, na cidade de Genebra, Suíça, antiga capital da moralidade calvinista, foi lançada uma campanha publicitária chocante, supostamente para incentivar os homossexuais a usarem preservativos [1]. Grandes cartazes mostrando homens nus jogando hóquei e mulheres nuas [2]lutando com espadas foram espalhados por toda a cidade. Uma suposta implicação dessa campanha é que muitos atletas praticam atos homossexuais nos vestiários (se isso é comum ou não, eu não sei), e pareceria socialmente responsável que as autoridades de saúde pública os lembrassem de tomar precauções para evitar doenças.

Mas e a educação das crianças que veem esses cartazes? E a sensibilidade das almas mais puras, que jamais cogitariam tais atos se não lhes fossem apresentados? Só podemos supor que essas campanhas tenham apenas uma relação superficial com a saúde pública ou sejam direcionadas a homossexuais. Diante da indiferença dos anunciantes ao valor da inocência sexual, é preciso presumir que o verdadeiro motivo dessas campanhas seja *promover* a homossexualidade.

---

1 Genebra, aliás, organiza anualmente um festival chamado "Desfile do Lago", durante o qual cerca de meio milhão de pessoas (incluindo um grande número de pessoas aparentemente homossexuais) dançam durante horas a fio – em muitos casos sob o efeito de drogas – ao som ensurdecedor da música "techno".

2 Não sei ao certo o que eles têm a ver com preservativos. Talvez sejam bissexuais.

Este filósofo decidiu, portanto, analisar o tema da homossexualidade [3]– para que essas pessoas não saiam impunes de sua revolução sexual. Elas pensam que chegaram a um acordo, ética e politicamente; mas não, certamente podem ser refutadas e derrotadas. Podem ser desafiadas, não apenas emocionalmente, mas também por meios racionais.

Nossa principal tarefa é tentar compreender a psicologia dos homossexuais, de modo a explicar objetivamente por que eles são como são e, além disso, por que *não deveriam* ser como são (e como poderiam mudar). Temos que demonstrar de forma convincente que tal comportamento é anormal e prejudicial, tanto para os indivíduos envolvidos quanto para a sociedade como um todo. Devemos também considerar os argumentos daqueles que defendem a homossexualidade e mostrar as falácias que contêm.

Devemos também analisar a propaganda e os meios sociais, políticos e jurídicos utilizados pelos proponentes desse movimento na busca de sua legitimação. E, para completar a análise, precisamos considerar o que pode ser feito para combater essas tendências recentes em nossa sociedade.

A homossexualidade passou, em apenas uma geração, de atividade proibida a fenômeno social generalizado, até mesmo moda. Isso é surpreendente e assustador; contudo, nos encorajamos com a ideia de que a mudança social pode ocorrer com a mesma rapidez na direção oposta.

---

[3] Eu teria preferido não sujar as mãos lidando com esse assunto, mas então me ocorreu que "não se pode limpar um lugar sem levantar poeira".

2. DEFINIÇÃO DE HOMOSSEXUAIS

Primeiramente, vamos esclarecer e definir alguns termos. Peço desculpas pela linguagem explícita que por vezes for utilizada.

Em relação aos termos "sexo" e "gênero": eles significam a mesma coisa, obviamente – ambos se referem à distinção entre homens e mulheres. Mas o termo mais coloquial "sexo" pode, às vezes, no contexto de uma discussão como a presente, ser confundido com a referência ao ato sexual – então o termo "gênero" (que até recentemente era usado apenas por gramáticos) parece, muitas vezes, preferível.

Homens e mulheres são distinguíveis física, mental e comportamentalmente. Possuem anatomias (órgãos sexuais, hormônios, formas e tamanhos, aparências faciais) e constituição genética (cromossomos sexuais) marcadamente diferentes, sentimentos, pensamentos, atitudes e personalidades ligeiramente distintas, e padrões de comportamento também um tanto diferentes. Podem existir

ainda diferenças espirituais entre os sexos (e talvez até mesmo diferenças sexuais entre as almas).

Assim, o gênero é um complexo de muitos fatores, alguns dos quais são bem definidos, enquanto outros são mais difíceis de definir com precisão. Ainda assim, é surpreendente a rapidez com que, na grande maioria dos casos, conseguimos distinguir um homem de uma mulher à primeira vista (embora às vezes tenhamos dúvidas ou estejamos errados em nossa avaliação inicial).[4]

---

[4] Note-se, embora seja extremamente raro, que existem casos limítrofes difíceis de classificar. Por exemplo, pessoas que possuem órgãos sexuais masculinos e femininos (hermafroditas). Segundo o que li, essas pessoas geralmente são predominantemente masculinas ou femininas, seja devido à sua constituição genética, ao seu equilíbrio hormonal, à sua psicologia ou a outros fatores (ou combinações de fatores). Tais pessoas, reconhecidamente (muito ocasionalmente), representam um problema complexo para a ética sexual; porém, considerando os muitos parâmetros envolvidos, esse problema só pode ser resolvido caso a caso (ou seja, por meio da casuística, utilizando insights *específicos)*.

Outra dificuldade que surge em casos excepcionais é a discrepância entre genótipo e fenótipo, ou seja, entre a identidade sexual genética de uma pessoa (XX ou XY) e sua morfologia sexual (órgão sexual masculino ou feminino). Um homem genético com órgão sexual feminino deve ser considerado mulher, superficialmente aparente, ou "realmente" homem? Da mesma forma, como deve ser considerada uma mulher genética com órgão sexual masculino? Difícil dizer. Observe que tais distúrbios são fatais, principalmente devido a defeitos genéticos; além disso, essas pessoas não têm capacidade reprodutiva. A questão controversa aqui, de um ponto de vista ético, é: o sexo entre um homem normal e uma mulher "duvidosa", ou entre uma mulher normal e um homem "duvidoso", deve ser considerado homossexual ou heterossexual? Uma resposta humana seria: agir

De forma geral, heterossexualidade refere-se a relações sexuais entre pessoas de sexos diferentes – ou seja, um homem e uma mulher, enquanto homossexualidade significa relações sexuais entre duas (ou mais) pessoas do mesmo sexo – ou seja, entre dois homens ou duas mulheres.

A heterossexualidade e a homossexualidade se distinguem em relação às "relações sexuais" que envolvem. No entanto, como as relações sexuais são ocasionais, como devemos definir "um heterossexual" ou "um homossexual"? Como nossa discussão aqui se concentra na homossexualidade e não na heterossexualidade, devemos propor a seguinte definição.

Uma pessoa heterossexual é aquela que, embora ocasionalmente tenha relações sexuais, sempre o faz *exclusivamente* com alguém do sexo oposto (ou seja, nunca com alguém do mesmo sexo). Uma pessoa homossexual é aquela que ocasionalmente tem relações sexuais com alguém do mesmo sexo (independentemente de também ter relações sexuais ocasionalmente com alguém do sexo oposto).

Assim, de acordo com nossas definições, um bissexual, homem ou mulher, que mantém relações sexuais ocasionalmente com homens e ocasionalmente com mulheres, ou com ambos simultaneamente, é considerado homossexual. Ou seja, seja alguém que se relaciona

---

de acordo com as aparências físicas externas; mas muitos heterossexuais escrupulosos provavelmente prefeririam evitar tais ambiguidades pedindo a seus parceiros que fizessem um teste genético.

sexualmente apenas com pessoas do mesmo sexo (um homossexual exclusivo) ou que, ocasionalmente, também se relaciona com pessoas do sexo oposto (um bissexual) – tal indivíduo, para todos os efeitos práticos aqui apresentados, deve ser denominado "homossexual".

É importante observar essas distinções, pois os defensores da homossexualidade frequentemente usam a bissexualidade de forma astuta para confundir as pessoas com a heterossexualidade. Utilizam terminologia vaga para gerar confusão.

É evidente que uma pessoa só pode ser considerada homossexual se tiver relações sexuais com alguém do mesmo sexo *de forma consciente e voluntária* . Se não sabia que o parceiro sexual era travesti ou transexual [5], ou se o ato sexual ocorreu sob coerção ou antes de a pessoa ter maturidade suficiente para compreender o que estava acontecendo, então obviamente não é homossexual, mas simplesmente vítima de manipulação homossexual ou estupro.

A pergunta que se coloca é: uma pessoa que se envolveu em atividades homossexuais (uma ou mais vezes) no passado

---

[5] Ao nos referirmos à transexualidade, devemos distinguir dois tipos. Se alguém nasce com uma condição intersexo, como um hermafrodita ou alguém cujo genótipo e fenótipo sexual são incompatíveis, pareceria biologicamente e medicamente ético permitir legalmente que essa pessoa se submetesse a tratamento físico corretivo. Mas isso é muito diferente de alguém com constituição normal que muda de sexo *voluntariamente* ; pois, nesse caso, não há justificativa biológica ou higiênica concebível para a cirurgia.

(recente ou distante) deve ser considerada homossexual? A resposta lógica seria: sim – a menos que essa pessoa tenha se arrependido sinceramente de seus atos passados e decidido nunca mais repeti-los. Pois um ex-homossexual impenitente é certamente mais suscetível à homossexualidade do que uma pessoa não homossexual. Somente um ex-homossexual arrependido pode ser propriamente chamado de ex-homossexual.

É claro que algumas pessoas não são nem heterossexuais nem homossexuais. Elas podem não ter relações sexuais de forma alguma (por abstinência voluntária ou sem escolha, por quaisquer motivos). Alguns heterossexuais, homossexuais e pessoas sem parceiros sexuais às vezes se envolvem em atividades semelhantes ao sexo por conta própria, ou seja, sozinhos (masturbação) [6].

Isso nos leva à próxima questão: o que se entende, nas definições acima, por "relações sexuais" ou "fazer sexo"? A intenção principal aqui é se referir ao *ato físico. Atos ou eventos* que produzem sensações sexuais em uma ou mais pessoas envolvidas.

---

[6] Algumas pessoas chegam ao ponto de ter relações sexuais com membros de outras espécies animais (bestialidade ou zoofilia). Felizmente, isso parece ser extremamente raro – mas houve épocas e lugares onde era mais comum (e pode até se espalhar novamente, a julgar pelas tendências atuais da internet). No contexto atual, podemos considerar isso como uma forma rebuscada de masturbação (embora seja muito mais do que isso, é claro).

Um simples toque no braço de alguém, um beijo na bochecha ou um abraço suave podem ser considerados "atos sexuais"? A resposta é, obviamente, sim, às vezes. Sim, nos casos em que tais atos, aparentemente não sexuais, despertam sensações sexuais, ainda que vagas, em pelo menos uma das pessoas envolvidas. Mesmo um sorriso sedutor, um tom de voz ou um perfume podem ser considerados fenômenos com conotação sexual, nessa perspectiva. Ao avaliar a natureza das ações volitivas, devemos nos concentrar especialmente na sua *intenção* . Um sorriso ou um carinho sem intenção sexual obviamente não se comparam a um com conotação sexual. Mas esses casos representariam o grau mínimo em um amplo espectro de possibilidades.

No outro extremo desse espectro, existe uma série de atos sexuais que envolvem o uso ativo *do(s) órgão(s) sexual(is)* da(s) pessoa(s) envolvida(s). Ou seja, quando um órgão sexual é efetivamente tocado por alguma parte do corpo do(a) parceiro(a). E entre esses dois extremos, existe um número infinito de atos ou eventos possíveis, de maior ou menor grau de conotação sexual.

Essa infinidade de variedades de atividades sexuais e de graus de sexualidade não deve, contudo, desviar nossa atenção da questão central que define tudo: se o ato ou fenômeno físico em questão, seja realizado de forma “leve” ou “grosseira”, produz ou não *sensações sexuais* .

Vale a pena fazer aqui uma observação fenomenológica sobre a qualidade variável das sensações sexuais. Cada ato

sexual desperta um tipo particular de sensações sexuais – e essas sensações, evidentemente, não são todas iguais. As sensações despertadas no sexo heterossexual diferem entre si e, sem dúvida, da maioria das sensações do sexo homossexual ou da masturbação. Isso significa que os homossexuais não são atraídos por qualquer sensação sexual, mas especificamente pelas sensações peculiares que os atos, percepções ou imaginações homossexuais despertam neles.

3. TENDÊNCIAS HOMOSSEXUAIS

Como todos sabemos, as sensações sexuais não são produzidas apenas por diversos contatos físicos, movimentos, pressões, temperaturas, visões, sons, cheiros e sabores – elas podem ser despertadas por simples pensamentos. Atos físicos e palavras são apenas a ponta do iceberg da sexualidade. Imaginações e desejos mentais podem igualmente produzir sensações sexuais.

De fato, a maioria (embora não todas) das sensações sexuais aparentemente causadas por fenômenos físicos são devidas a pensamentos intermediários. Geralmente são os pensamentos que geram as sensações sexuais, atribuindo valor sexual aos fenômenos físicos (por exemplo, um beijo ou um odor). Nesse contexto, observe que os fenômenos físicos da pornografia (revistas, vídeos) não causam sensações sexuais diretamente, mas sim por meio da estimulação de pensamentos e ações que, por sua vez, causam sensações sexuais.

Surge então a questão: como classificar pessoas que, na prática, são heterossexuais ou não têm parceiro sexual, mas cujos pensamentos – isto é, cujas fantasias e desejos sexuais – são dirigidos (ocasionalmente ou exclusivamente) a pessoas do mesmo sexo? A resposta simples é: na medida em que essas pessoas experimentam sensações sexuais reais dirigidas a pessoas do mesmo sexo, sua "orientação sexual" pode ser considerada homossexual nesse sentido.

Note bem que não é o conteúdo dos pensamentos que determina a orientação sexual. Por exemplo, estamos aqui (escrevendo ou lendo este ensaio) pensando em homossexualidade, mas se essa reflexão mental não produzir nenhuma resposta sexual em nós, não somos homossexuais. Se, por outro lado, ao simples pensamento de homossexualidade, alguém experimenta sentimentos de desejo ou prazer físico, aí sim há um problema.

Mesmo assim, tais sentimentos podem ser apenas fruto da astúcia inerente à mente, de seu impulso de flertar com a contradição. O medo de ter respostas homossexuais pode, por si só, causar sensações sexuais, à medida que a atenção do indivíduo é cautelosamente atraída para a localização corporal das sensações sexuais em busca de possíveis sensações desse tipo. Em outras palavras, a insegurança pode gerar sensações de teste semelhantes às temidas.

Contudo, para além dessas distorções passageiras da realidade, uma pessoa pode, de fato, ter sensações sexuais evidentes e duradouras na presença de pessoas do mesmo sexo, mesmo sem nunca ter praticado atos homossexuais.

Pode-se dizer, corretamente, que essa pessoa possui *tendências homossexuais* , e não que seja um homossexual praticante.

Seria injusto classificar essa pessoa como homossexual, ponto final, já que ela não pratica atos homossexuais. No entanto, é preciso fazer uma distinção entre dois tipos de pessoas com tendências homossexuais: aquelas que *resistem* a essas tendências e aquelas que as *satisfazem* .

Claramente, alguém com tendências homossexuais aparentes, cuja vontade não é influenciada por elas na imaginação ou na ação, não é comparável a alguém que flerta mentalmente com essas tendências, mesmo sem as colocar em prática. No primeiro caso, quem experimenta a luxúria homossexual aparente a considera involuntária e não se identifica com ela, mas, ao contrário, busca se livrar dela. Já no segundo caso, a luxúria é tolerada e até mesmo apreciada, sendo, portanto, efetivamente voluntária [7].

Embora ambos apresentem sensações corporais semelhantes relacionadas à orientação homossexual e se abstenham de atos físicos correspondentes, um permanece mentalmente distante, enquanto o outro é mentalmente cúmplice. Uma distinção moral entre eles se justifica claramente: o primeiro é efetivamente inocente, o segundo efetivamente culpado, da responsabilidade pelas respostas viscerais. É claro que essas inclinações corporais podem ser decorrentes de pensamentos,

---

[7] Os sentimentos não se traduzem em ação simplesmente por falta de oportunidade, ou talvez apenas por timidez (medo da desaprovação social), nem por qualquer rejeição moral.

palavras ou atos passados com conotação homossexual – mas, em um caso, o passado é atenuado pelo presente, enquanto no outro é agravado.

Isso é dito de passagem, para ajudar pessoas com aparentes tendências homossexuais que desejam se livrar delas. O método recomendado é o mesmo para qualquer peculiaridade psicológica: desenvolver uma consciência franca das sensações sentidas; em seguida, a consciência de suas origens em pensamentos, palavras e ações descontroladas; então, gradualmente, por meio de pensamentos, palavras e ações mais conscientes, trazer sua psique e seu corpo sob controle. Este é essencialmente um método meditativo – e, portanto, uma terapia natural, profunda, poderosa e duradoura.

Neste contexto, gostaria de chamar a atenção para a desonestidade intelectual dos defensores da homossexualidade. Eles usam deliberadamente termos genéricos como "atração pelo mesmo sexo", que vão da sodomia explícita a sentimentos homossexuais vagos ainda não concretizados, a fim de *encobrir* as grandes diferenças psicológicas e morais que existem nesse amplo espectro. O objetivo e o efeito desse vocabulário de tom neutro é fazer com que a homossexualidade ativa pareça tão inócua quanto uma mera tendência homossexual, ou esta última tão comprometida quanto aquela. Além disso, transmite a mensagem aos indecisos de que, já que são considerados equivalentes, podem muito bem colocar seus desejos em prática.

20Não a Sodoma

4. O PAPEL BIOLÓGICO DO SEXO

Defensores da homossexualidade afirmam que é algo "natural", apontando que alguns macacos bonono a praticam [8]. Esse argumento é válido? Essas pessoas são macacos bonono? Ou seriam os macacos bonono seus guias espirituais? Será que querem dizer que, pelo fato de alguns macacos bonono serem pedófilos, os humanos também

[8] Eles também apontam para caracóis hermafroditas. Mas, nesse caso, as diferenças fisiológicas com os humanos são tão pronunciadas que o argumento sequer merece ser considerado. Esses caracóis "do mesmo sexo" são naturalmente programados para se reproduzirem juntos, enquanto os homossexuais humanos não são. É tão absurdo quanto argumentar que os homens podem ou devem espalhar seu sêmen no chão, já que as árvores fazem isso! Enquanto as sementes das árvores podem germinar e se transformar em novas árvores, o mesmo não acontece com o esperma humano.

deveriam ser [9]? Indo mais para perto de nós: poderíamos argumentar que, pelo fato de algumas pessoas matarem, todos nós deveríamos matar? Obviamente que não! A ética nunca se baseia no que as pessoas (ou animais inferiores a elas) realmente fazem ou deixam de fazer; ela se baseia no que elas, como seres racionais e volitivos, preferencialmente deveriam ou não fazer.

Como a questão da homossexualidade diz respeito ao sexo, devemos começar nossa análise do assunto considerando o papel biológico do sexo. A atividade sexual heterossexual tem como objetivo principal a *reprodução* , visando a perpetuação da espécie. Isso é evidente e inegável quando consideramos nossa anatomia e comportamento. O homem penetra a mulher; ele ejacula espermatozoides que

---

[9] Aliás, vale ressaltar que a prática da homossexualidade por alguns macacos bonono não implica que tal prática seja natural e normal, mesmo para essa espécie de antropoide. Pois, admitindo que esses animais sejam uma espécie superior (e sejam geneticamente, anatomicamente e, em termos evolutivos, parentes muito próximos dos humanos), podemos afirmar com segurança que possuem um alto grau de volição (quase tão alto quanto o dos humanos, exceto pelo fato de que suas capacidades cognitivas são evidentemente menos racionais). Nesse caso, é apropriado falar dos macacos bonono como seres que fazem escolhas livres e, portanto, como sujeitos a considerações não verbais de bem e mal. O dado fenomenológico da homossexualidade nessa espécie não nos diz se os macacos bonono têm consciência de "fazer algo errado" ao se envolverem em tais atos (ou se outros membros de sua espécie podem ou não considerá-los repreensíveis). Assim, o argumento apresentado em defesa de tais atos entre humanos, com referência ao comportamento de alguns macacos, é apenas uma cortina de fumaça para evadir a questão.

(geralmente) fertilizam o óvulo; disso nasce um novo ser humano.

Se o ato sexual fosse apenas para prazer, conforto ou amor, poderíamos ter órgãos sexuais semelhantes, mas eles não seriam instrumentais na transmissão de material genético. Essas características do nosso sistema reprodutivo estariam ausentes. A transmissão de genes é evidentemente a principal função dos nossos órgãos sexuais, e qualquer suposto valor adicional do sexo – como meio para prazer erótico, conforto ou amor – só pode ser incidental.

Outra observação biológica importante a ser feita é que temos um forte *instinto ou impulso* para o sexo. Ou seja, frequentemente experimentamos sensações intensas em nosso órgão sexual, e em outras partes do corpo e da mente, que nos influenciam a buscar o sexo. A questão não se resume a uma escolha ocasional por puro prazer; não, nosso corpo e mente são programados para nos impulsionar a fazer sexo com frequência, ou até mesmo o máximo possível.

É fácil entender por que um conato desse tipo existiria. Sua função biológica é estimular o coito frequente e efetivo, seguido de reprodução, para que a espécie tenha a máxima chance de sobrevivência.

O prazer físico do sexo deve ser visto neste contexto: ele tem o propósito de nos atrair e incitar ao sexo. Sem a recompensa do prazer, seríamos menos propensos a praticar sexo; e se ele nos prometesse apenas dor, o evitaríamos completamente. O mesmo raciocínio pode ser aplicado a outros motivos comumente apresentados para a prática sexual: o conforto

psicológico ou a oportunidade de criar laços (ou seja, amor) entre seres humanos. Esses são prazeres mentais e até mesmo espirituais, que igualmente nos incentivam e recompensam pelo sexo.

Além disso, é biologicamente vantajoso para os casais permanecerem juntos após seus encontros sexuais, pois isso garante que os filhos que eventualmente nascerem sejam cuidados, ou seja, maximiza as chances de sobrevivência da espécie.

Partindo dessas considerações biológicas, podemos facilmente concluir que a orientação sexual programada em nós pela natureza é necessariamente heterossexual. Nossa tendência normal e natural é a heterossexual, sejamos homens ou mulheres. Isso fica claro pela anatomia de nossos órgãos sexuais e nossos impulsos emocionais, bem como pela explicação científica de seu papel biológico.

Note-se que esta conclusão não se baseia unicamente em estatísticas, ou seja, na enumeração da proporção de seres humanos que são heterossexuais, embora as estatísticas também possam ser utilizadas para confirmar que a maioria das pessoas tem essa orientação.

5. SEXO NÃO REPRODUTIVO

Ninguém nega a existência de homossexuais, mas a sua presença na população não prova, por si só, que tal comportamento seja natural ou normal. Os defensores da homossexualidade por vezes apresentam estatísticas (alguns alegando que até 15-20% da população é assumidamente ou secretamente homossexual), mas esse argumento não tem valor para provar a normalidade ou a naturalidade do comportamento homossexual.

Os seres humanos possuem livre-arbítrio – portanto, seu comportamento está sujeito à avaliação 'ética' e não pode ser considerado um 'dado' determinístico (como o comportamento da matéria inanimada, da vida vegetal ou de formas inferiores de vida animal).

Cientes dessa fragilidade do argumento estatístico, os defensores da homossexualidade argumentam, em seguida, que, embora seja verdade que a sexualidade tenha surgido originalmente para fins reprodutivos e de sobrevivência da espécie, os seres humanos, como animais superiores dotados

de livre-arbítrio, podem voluntariamente ignorar o aspecto reprodutivo do sexo e concentrar-se exclusivamente nos aspectos sensuais ou emocionais adjacentes (que podemos denominar hedonistas ou eudemonistas).

Assim como nossa cultura aceita que o sexo heterossexual não precisa ter como objetivo a reprodução, o sexo homossexual (que nunca visa à reprodução) também é considerado legítimo. Nessa perspectiva, a distinção entre homem e mulher é irrelevante, e qualquer combinação de parceiros pareceria aceitável.

Além disso, argumentam que tais práticas sexuais não reprodutivas ainda possuem valor biológico, na medida em que facilitam a vida das pessoas, tornando-a mais agradável, confortável ou amorosa. Perguntam: o que há de errado nisso? Contanto que ninguém seja prejudicado, que objeções podem levantar os moralistas?

De fato, continuam eles, desde que os homossexuais estejam satisfeitos, podem ser membros úteis da sociedade. Apontam para homossexuais que deixaram sua marca na história: Alexandre, o Grande, Leonardo da Vinci, e assim por diante. E há muitos exemplos atuais de homossexuais que são (pelo menos aparentemente) "bem adaptados" socialmente.[10]

---

10 É claro que isso não nos diz nada, já que o sucesso externo não é prova de equilíbrio e paz interior. Como Alexandre ou Leonardo se sentiam e se comportavam interiormente depois de um tempo? Além disso, como se sentiam em relação à sua vida homossexual pouco antes de morrerem – orgulhosos e alegres, ou envergonhados e magoados? Se os julgamentos morais se baseiam em dados parciais, provavelmente serão

Tais argumentos devem e podem ser refutados. A primeira falácia a ser observada é a equivalência moral implícita entre sexo heterossexual não reprodutivo e sexo homossexual.

Como vimos acima, os aspectos sensuais e emocionais do sexo são biologicamente justificados em relação à reprodução e à sobrevivência da prole. A natureza programou o desejo sexual em nós, para nos impelir a reproduzir e a permanecer com nosso parceiro a fim de nutrir a prole dessa reprodução.

Esse desejo heterossexual é legítimo mesmo quando não visa conscientemente à reprodução, ou mesmo quando se pretende conscientemente evitá-la (por exemplo, com o uso de preservativos ou pílulas), porque sempre pode (e muitas vezes acontece, ainda que acidentalmente, mas mais frequentemente através do apego crescente) levar à reprodução e à subsequente vida familiar.

Por outro lado, as buscas sensuais e emocionais homossexuais não possuem tal justificativa, visto que são inerentemente estéreis e não coesas. São buscas egocêntricas sem qualquer característica redentora comparável às atividades sexuais heterossexuais. Seu único objetivo é a gratificação física ou emocional; são radicalmente desprovidas de qualquer base biológica.

Por isso, é correto afirmar que a homossexualidade não é uma orientação sexual *natural* , mas sim uma orientação

---

distorcidos; é importante tentar considerar o quadro completo ao longo do tempo, para avaliar as condições adequadamente.

inerentemente *desviante* , ou seja, que perdeu de vista seu objetivo original e se desviou para objetos secundários (isto é, pessoas do mesmo sexo). É como se déssemos uma caneta a um macaco para escrever e ele a usasse para coçar o traseiro. O sexo homossexual é, na verdade, uma paródia do sexo, uma espécie de encenação desorientada.

O discurso acima não deve ser interpretado como uma injunção ao sexo heterossexual em todas as oportunidades, [11]com o objetivo de gerar o máximo de filhos possível. Isso pode, de fato, ser visto como o programa da Natureza; mas lembre-se de que a Natureza se baseia em probabilidades para atingir seus fins. A questão aqui é apenas que, para discutirmos sexo, precisamos primeiro compreender seu significado natural. Sem essa análise prévia, é impossível entender por que a homossexualidade é antinatural e até mesmo contrária à natureza.

É verdade que hoje em dia é possível – ou num futuro muito próximo será possível – que homossexuais tenham filhos através de diversas intervenções médicas. Mas aqui surgem certas questões éticas, como: Será que a psicologia e a

[11] Com um único parceiro ou com todos os parceiros disponíveis do sexo oposto. De fato, a Natureza parece preferir que os humanos se atenham a um único parceiro (ou a um de cada vez), pois isso tende a garantir que a prole seja cuidada. Mas mesmo que muitas parcerias sexuais sejam estabelecidas ao longo da vida de uma pessoa, isso não significa que a promiscuidade total seja desejável. Nossa natureza nos torna um tanto seletivos, de modo que alguns parceiros parecem mais atraentes do que outros. Isso é, sem dúvida, muitas vezes pura vaidade, mas também costuma ser uma escolha instintiva da melhor combinação genética para a própria linhagem.

felicidade dos futuros filhos dessas uniões antinaturais foram seriamente consideradas? Será que se pode imaginar um destino pior? Qual a viabilidade a longo prazo dessas "famílias" artificiais? Que tipo de seres humanos distorcidos elas poderiam gerar? Não têm todos os seres humanos o direito de nascer em circunstâncias naturais e de serem criados com uma chance razoável de uma vida normal?

Questões semelhantes podem, naturalmente, ser levantadas em relação à adoção de crianças por casais homossexuais. É certamente criminoso desconsiderar os direitos e interesses de crianças não nascidas ou órfãs, apenas por um desejo de ser tolerante com os homossexuais e tratá-los como seres humanos "comuns". O egoísmo daqueles que sustentam tais opiniões, sua disposição em sacrificar crianças apenas para representar o papel egocêntrico de tolerância e humanidade, precisa ser levado em consideração.

6. DESVIO E SOFRIMENTO

Em segundo lugar, como os homossexuais possuem órgãos sexuais semelhantes em vez de complementares, a natureza de sua atividade sexual não é exatamente comparável à dos heterossexuais. É verdade que algumas atividades dos dois grupos se assemelham: por exemplo, a masturbação mútua, o sexo oral e o sexo anal são possíveis em ambos os casos. Mas são justamente essas atividades que *não são* biologicamente justificadas!

Quando um homem perde seus espermatozoides por meio de atividades extraconjugais, seja com parceiro masculino ou feminino, ele não apenas deixa de ter relações sexuais convencionais (teoricamente capazes de gerar reprodução), como também fica fisicamente incapacitado para a reprodução (pelo menos temporariamente, devido à perda da ereção e da capacidade de produzir espermatozoides). Portanto, tais atividades devem ser evitadas por razões biológicas.

Além disso – e isso se aplica igualmente a uma mulher – ao desviar o desejo natural para objetos não naturais, um heterossexual ou homossexual gradualmente (por habituação) se incapacita psicologicamente para a exigente tarefa do sexo e da vida heterossexual. Mesmo que um homem ou uma mulher tenha inicialmente uma visão bissexual, o comportamento homossexual certamente cobra seu preço e, eventualmente, o afasta da atividade heterossexual.

É claro que se poderia argumentar que os homossexuais estão prestando um favor ao resto da humanidade ao *não* se reproduzirem. Diante da explosão demográfica mundial, com todas as suas consequências nefastas para o nosso bem-estar econômico e social, e a destruição contínua do meio ambiente, pode-se considerar um serviço público não se reproduzir. Talvez essa seja a ideia das autoridades de saúde pública que incentivam tais práticas; mas será essa ideia benevolente?

Também se poderia argumentar que, ao não se reproduzirem, os homossexuais se colocam voluntariamente fora da categoria daqueles aptos a sobreviver (como na "sobrevivência do mais apto" darwiniana). Ou seja, sua desorientação sexual pode ser vista biologicamente como uma expressão de alguma inadequação inerente a este mundo – o que faz com que sejam "naturalmente selecionados" *para fora* dele.

Passemos agora a uma análise mais psicológica e apresentemos uma terceira objeção ao argumento dos

defensores da homossexualidade. Eles alegam que a homossexualidade torna algumas pessoas felizes – ou pelo menos "alegres" (isto é, cheias de prazer, caracterizadas por *alegria de viver*). Se isso fosse verdade, poderia constituir um argumento biológico a favor da homossexualidade, além da reprodução. Mas será verdade? Isso é bastante questionável [12].

Pode parecer verdade para algumas pessoas a curto prazo, mas tudo indica que essas aparências são enganosas e que, mais cedo ou mais tarde, consequências dolorosas serão sentidas pelo indivíduo em questão. Para a maioria dos homossexuais, as consequências negativas evidentemente não tardam a chegar. E mesmo quando o homossexual mantém uma fachada corajosa e "gay" (para fins de autojustificação) por fora, ele ou ela sabe muito bem da dor e do sofrimento que sente por dentro.

Isso é verdade mesmo na sociedade ocidental atual, que permite e defende a homossexualidade, e não apenas em sociedades mais tradicionais, que a proíbem e perseguem. Pois não se deve pensar que a infelicidade pessoal do

---

12 Minha própria observação de homossexuais, homens e mulheres, que encontrei por acaso ao longo dos anos, deixou-me com a impressão de que são muito imaturos, de uma forma básica e trágica; e uma sensação de profunda decadência neles, como se o mundo deles fosse um lugar realmente triste e cinzento. Toda a sua alegria exterior me parece uma fachada nervosa. Quando têm a oportunidade de serem eles mesmos em público, demonstram sua profunda grosseria e vulgaridade (o que não surpreende, considerando seus pensamentos e atos impuros).

homossexual decorra da rejeição social; antes, decorre do fato de a homossexualidade ir contra a corrente. Sendo psicologicamente, assim como fisicamente, antinatural, ela inevitavelmente leva ao sofrimento (ou seja, a mais sofrimento do que a heterossexualidade acarreta).[13]

O uso da palavra "gay" (e, aliás, de "orgulho") é claramente apenas uma estratégia publicitária, uma demonstração de bravata (uma farsa). É uma pena que a língua inglesa, desde que essa palavra foi apropriada por homossexuais, tenha perdido um termo valioso (que se tornou impossível de usar sem evocar a nova conotação homossexual). Os linguistas sabem muito bem como as palavras são frequentemente usadas com o significado exatamente oposto ao original [14].

---

13 Mesmo que jovens homossexuais possam parecer, numa primeira fase, recatados e normais, inevitavelmente sofrerão, com o tempo, vergonha, culpa e outros efeitos negativos de seus pensamentos e ações considerados aberrantes. Esta é uma lei da natureza – igualmente aplicável a jovens heterossexuais que optam por um estilo de vida licencioso. O modo de vida de uma pessoa acaba por se refletir em seu rosto e linguagem corporal: *O Retrato de Dorian Gray* é um excelente testemunho dessa observação comum, feita por um famoso homossexual (Oscar Wilde).

14 Por exemplo, o verbo "sancionar" pode significar permitir ou punir. Observe que não apenas a palavra "gay" foi apropriada indevidamente, mas também a palavra "orgulho". Esta última, obviamente, pretende transmitir a ideia de que os homossexuais têm "orgulho" de quem são (em vez de vergonha, como outros consideram que deveriam ter). Mas a expressão "orgulho gay", aplicada a manifestações de rua de homossexuais, usa o termo "orgulho" no sentido encontrado em "bando de leões" (referindo-se a um grupo social de leões, os reis da selva). Esta última também é um roubo de palavra que desvia e macula para sempre o sentido original.

7. ALGUMAS CAUSAS PROVÁVEIS

A essência da homossexualidade reside numa dificuldade fundamental em lidar corretamente com o desafio cotidiano do sexo. Muito antes de surgir um "problema de identidade", o homossexual é simplesmente *um heterossexual frustrado* . Ou seja, todos (cada um de acordo com seu gênero, é claro) são naturalmente dotados dos mesmos sentimentos fenomenológicos (aqueles que impulsionam a sexualidade), mas algumas pessoas não conseguem identificar corretamente a orientação real desses sentimentos ou não persistem na tentativa de satisfazer suas demandas manifestas.

Algumas pessoas se tornam homossexuais porque sofreram abuso sexual na infância ou adolescência, por parte de crianças mais velhas ou adultos. Elas se sentem permanentemente maculadas e incapacitadas por essas experiências precoces e, como consequência, sempre têm vergonha ou medo de se relacionar com pessoas do sexo oposto. Por exemplo, uma mulher pode ter sido vítima de

estupro heterossexual na infância e, a partir de então, ter medo e aversão por homens, sentindo-se confortável apenas com outras mulheres. Ou ainda, um homem pode ter sofrido abuso sexual na infância por um homossexual e, posteriormente, sentir-se envergonhado demais de seu passado traumático para se relacionar com mulheres com confiança.

Algumas crianças e adolescentes têm experiências sexuais precoces entre si, que por acaso são homossexuais (ou seja, poderiam ter sido heterossexuais, caso as oportunidades tivessem surgido). Os desejos sexuais dessas crianças estão apenas começando a surgir e elas não têm ideia do que estão vivenciando. Elas experimentam entre si, especialmente hoje em dia, quando os adultos fazem pouco esforço para protegê-las de más influências como a pornografia. Em alguns casos, essas crianças, assim como os adultos, tornam-se homossexuais, por terem se acostumado ou adquirido gosto por esse tipo específico de experiência sexual [15].

---

[15] Algumas pessoas levam essas explorações infantis ainda mais ao pé da letra e se tornam pedófilas, tentando incessantemente recapturar seus intensos sentimentos sexuais da infância. É claro que nem todos os pedófilos são homossexuais. Mas não é por acaso que a antiga palavra (menos "politicamente correta") para homossexual era "pederasta" (de uma palavra grega que significa "amante de meninos"). É claro que nem todos os homossexuais são homens – o anseio de retornar à infância também é frequentemente encontrado em mulheres. Observe que a pedofilia não se limita a homens ou mulheres idosos e pervertidos – os pedófilos costumam ser bastante jovens, na faixa dos vinte ou trinta anos. Nesses últimos casos, é claro, não podemos falar de um retorno à infância, mas sim de um

> (É muito importante observar esta constatação, para fins terapêuticos: na raiz da autoidentificação de muitos homossexuais com a sua homossexualidade reside uma *obsessão) apego* a algumas experiências sexuais precoces, que erroneamente associam mentalmente ao desejo e à satisfação sexual em geral. Pensam que tal apego indica algum tipo de predisposição natural, mas trata-se simplesmente de uma inclinação adquirida e eliminável. O problema envolvido não é constitucional, mas meramente uma limitação psicológica, uma falta de inteligência.

Mas esse cenário não é o caminho principal. Uma pessoa pode começar sua busca por um parceiro heterossexual de forma bastante natural; porém, enfrentando fracasso após fracasso nessa busca, pode acabar seguindo na direção oposta, como um prêmio de consolação ou substituto. Isso pode começar de forma hesitante no início, para depois se tornar um hábito e uma predileção. Às vezes, isso ocorre em uma idade mais avançada, mesmo após uma vida inteira de heterossexualidade, quando toda a atração já se perdeu.

Não importa muito onde e como o medo do sexo oposto é adquirido. Pode ser devido a rejeições repetidas (por qualquer motivo, como falta de atratividade física ou psicológica), ou a causa pode estar em alguma falha dos pais em termos de amor ou educação (causando timidez ou

---

desenvolvimento interrompido: eles nunca deixaram a infância, ou seja, sua idade mental não acompanhou sua idade física.

inadequação) [16]. Seja qual for a causa, o desafio biológico de se tornar capaz de encontrar um parceiro (adequado) para a reprodução não foi adequadamente superado, e pronto. Como o desejo sexual subjacente, ou libido, permanece ativo, até mesmo incontrolavelmente, o infeliz perdedor busca outra forma de satisfazer essa necessidade.

Alguns perdedores no jogo do acasalamento optam pela masturbação; outros pela santidade através da abstinência (castidade, celibato). Alguns se tornam estupradores; alguns se tornam grandes artistas ou campeões esportivos. E alguns escolhem a homossexualidade.

Existem, é claro, muitas outras maneiras específicas pelas quais a homossexualidade pode ser adotada. Algumas pessoas seguem esse caminho como estratégia de vida, acreditando que podem progredir mais facilmente por meio da sedução homossexual, ou seja, através da prostituição entre pessoas do mesmo sexo para obter benefícios econômicos ou sociais. Outra via, talvez a mais perniciosa,

---

16 Alguns observadores sugerem que a homossexualidade, seja masculina ou feminina, muitas vezes se deve à passividade ou ausência excessiva do pai e à idade avançada ou ao comportamento dominador da mãe. Mas é preciso ressaltar que tais causas "ambientais" não podem ser consideradas *determinantes* da homossexualidade. Como os homossexuais são seres humanos, eles possuem livre-arbítrio. Fatores ambientais (como problemas familiares ou contexto social) podem *influenciar fortemente* o comportamento, mas a pessoa afetada ainda é livre para resistir à pressão dessas influências e seguir seu próprio caminho. Não há desculpa, nenhuma justificativa genuína, na referência a tais fatores externos. Por mais forte que seja seu impacto psicológico, a dignidade humana permanece possível.

para a homossexualidade — comum hoje em dia devido à ideologia popular de que é aceitável, natural e normal — é a adoção voluntária, como um experimento, pela suposta diversão. Algumas pessoas, sem dúvida, simplesmente se envolvem inconscientemente, sob a influência inquestionável de seus pares ou da mídia.

É errado esperar que não haja consequências psicológicas e existenciais negativas decorrentes de tais escolhas, simplesmente porque foram feitas livremente, com uma "boa consciência", por assim dizer. Pois o perigo não reside na forma como se adota tal comportamento, mas na natureza intrínseca do próprio comportamento. Mesmo que não se tema por ele, seus perigos permanecem presentes.

Um aspecto da relação homossexual que deve ser observado é a relação de dominação versus submissão que ela frequentemente envolve, em algum nível, consciente ou inconscientemente, independentemente de os parceiros serem homens ou mulheres. Essas relações desiguais também ocorrem em relacionamentos heterossexuais, embora as combinações homem-mulher sejam geralmente complementares. Mas, no caso das relações homossexuais, o desequilíbrio é mais radical e inevitável, e uma hierarquia é parte integrante da convivência social entre dois homens ou duas mulheres.

Na homossexualidade, devido à semelhança anatômica entre os parceiros, um deles precisa efetivamente "mudar de sexo" (mesmo que apenas comportamentalmente), para formar um equilíbrio "yin-yang". Entre os homens, um deles precisa se

tornar afeminado, com características femininas; entre as mulheres, uma delas precisa se tornar masculina, com características masculinas, "butch". Essa mudança radical de personalidade é prejudicial para ambos os parceiros, fazendo com que ambos contradigam sua verdadeira identidade sexual e humana. Todos se tornam algo menos do que masculino ou feminino e, portanto, algo que deixa de ser completamente humano.

Em outras palavras, não é um problema intrínseco de identidade sexual que leva à homossexualidade; pelo contrário, é a homossexualidade que gera profundos problemas de identidade sexual. Tais transformações e dúvidas certamente causarão sofrimento profundo e duradouro às pessoas envolvidas. Simplesmente não se pode esperar que sejam indolores e sem consequências.

8. MUDANDO AS RACIONALIZAÇÕES

A visão da nossa sociedade sobre a homossexualidade passou por inúmeras mudanças nas últimas décadas. Houve um tempo em que a homossexualidade era malvista por motivos religiosos, devido à sua proibição bíblica. Os homossexuais eram alvo de desprezo e zombaria; as pessoas os consideravam repugnantes e os evitavam ao máximo.

Em seguida, veio a "libertação sexual" do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando os hippies optaram pela promiscuidade sexual – que, embora geralmente heterossexual, às vezes incluía encontros homossexuais.

Por volta dessa época, os defensores da homossexualidade começaram a argumentar que ela deveria ser considerada uma "doença" *mental* , causada por circunstâncias familiares e sociais adversas, e, portanto, justificada com compaixão. Os oponentes da homossexualidade, a princípio, tenderam a aceitar essa mudança semântica, vendo o epíteto de doença como uma espécie de insulto apropriado, uma substituição secular para a ideia religiosa de pecaminosidade. Afinal,

quem gostaria de ser considerado mentalmente perturbado (mesmo que se vitimizasse)?

Percebendo essa conotação negativa, os apologistas da homossexualidade começaram a propor que ela é normal, no sentido de que algumas pessoas são programadas pela natureza para isso, ou seja, algumas pessoas talvez possuam esses genes peculiares, constituindo uma espécie de terceiro gênero (ou terceiro e quarto gêneros, se distinguirmos homossexuais masculinos e femininos). Dessa forma, buscavam legitimar a homossexualidade não como um pecado nem como uma aflição psicológica, mas como algo natural, embora relativamente incomum.

No entanto, nenhum "gene homossexual" jamais foi encontrado (embora alguns pesquisadores tenham momentaneamente atraído a atenção da mídia ao afirmarem ter descoberto tais genes distintivos). E, pensando bem, esses genes são dificilmente concebíveis e muito improváveis de acordo com a teoria da evolução. Pois a homossexualidade é, por definição, não reprodutiva; portanto, se tal gene surgisse por meio de uma mutação espontânea, logo seria eliminado pela seleção natural!

Os poetas levantaram ideias fantasiosas como "a alma de uma mulher em um corpo de homem" ou "a alma de um homem em um corpo de mulher", sugerindo que as almas têm gênero e que estas podem, de alguma forma, entrar no corpo errado.[17]

---

[17] De maneira mais geral, um novo ideal de humanidade foi proposto, uma espécie de criatura andrógina, bissexual e unissex.

Os especialistas em ciência sugeriram que os hormônios sexuais poderiam, ocasionalmente, sobrepor-se à determinação do sexo pelos cromossomos sexuais, ignorando o fato de que todas as células de um ser humano contêm os mesmos cromossomos sexuais, de modo que, mesmo que desequilíbrios hormonais produzam algumas características sexuais visíveis incomuns, o sexo subjacente ainda está geneticamente definido (de forma que nenhum tratamento hormonal ou cirurgia de mudança de sexo pode ocultar o sexo verdadeiro).[18]

Os cientistas também mencionaram os hermafroditas e outras anomalias de gênero semelhantes, algumas das quais são devidas a condições hormonais incomuns, outras a anormalidades genéticas. Assim, existem pessoas que têm tanto pênis quanto vagina; ou ainda, existem pessoas com uma combinação de cromossomos sexuais YY (ou

---

Os homens eram incentivados a reconhecer a mulher dentro de si e a se tornarem menos machistas; e as mulheres, a reconhecer o homem dentro de si e a se tornarem mais machistas. Cortes de cabelo e roupas unissex tornaram-se moda. Os homens (geralmente retratados como brutos) eram encorajados a se tornarem mais sensíveis, falantes e emotivos; enquanto as mulheres (geralmente retratadas como vítimas) eram aconselhadas a se fortalecerem e revidarem. Esse ataque generalizado aos "papéis sexuais" era, obviamente, justificado em alguns casos e até certo ponto, na medida em que seu propósito era a igualdade social, econômica e legal entre homens e mulheres; mas também serviu como estratégia na luta mais específica pela homossexualidade.

[18] Em todo caso, não foram encontradas diferenças significativas no equilíbrio hormonal entre homossexuais e heterossexuais em geral – o que significa que essa causa física proposta não é uma explicação adequada.

combinações ainda mais raras como XYY, XXX ou XXXX), em vez do usual XX das mulheres ou XY dos homens.

No entanto, esses casos são extremamente raros e sua existência não pode ser interpretada como uma explicação científica da homossexualidade, uma vez que essas pessoas não são necessariamente homossexuais, e a grande maioria dos homossexuais certamente não pode ser classificada nessa categoria de anormalidade física.

Toda essa conversa "científica" tinha, é claro, o único propósito de nos enganar, pessoas comuns, fazendo-nos acreditar que a homossexualidade não estava sujeita a julgamento moral. O objetivo dos apologistas era ter o melhor dos dois mundos; ou seja, apresentar a homossexualidade como consequência de problemas *físicos incomuns* e, portanto, embora uma anormalidade, como algo bastante natural – insinuando que deveríamos sentir pena e consideração pelos homossexuais (como sentiríamos por qualquer pessoa com deficiência física).

Mas essa posição deixava os homossexuais em uma situação um tanto quanto inferior à de "gays", implicando que eles eram (pasmem!) vítimas, se não da sociedade, pelo menos da natureza. Não os legitimava completamente, mas ainda os mantinha na posição de cidadãos de segunda classe. Nesse ponto, começou uma ofensiva ética, declarando a homossexualidade uma escolha livre de seres humanos plenamente adultos, responsáveis e respeitáveis – uma escolha tão legítima e até mesmo valiosa quanto a heterossexualidade.

Argumentavam que cada um podia decidir por si mesmo, e quem era *você* para julgar? Diversos meios de comunicação e políticos entraram na discussão, e as leis das nações foram alteradas. Até mesmo as constituições foram emendadas, e um "direito humano" à "diferença" sexual foi declarado instituído e aplicado. Medidas administrativas ativas foram adotadas para garantir que os homossexuais fossem tratados como cidadãos iguais; foi proibido ostracizá-los.

9. É ESCOLHIDO LIVREMENTE.

Eu digo: ótimo. Essa abordagem mais recente é, na verdade, um bom desenvolvimento, porque nos leva de volta ao ponto de partida e reconhece o que as tradições religiosas originalmente implicavam: ou seja, que a homossexualidade é uma conduta escolhida livremente. Isto é, os homossexuais não são forçados a ela por nenhuma força física ou mental além de sua capacidade de resistir; eles poderiam escolher o contrário. Eles escolhem livremente ser o que são e fazer o que fazem e, portanto, são moralmente responsáveis por sua condição e seu comportamento.

As alegações de doença ou anomalia mental ou física foram efetivamente descartadas, e voltamos à estaca zero, com apenas uma mudança: agora, as atuais "autoridades" éticas e políticas apoiam a homossexualidade, enquanto seus antecessores se opunham a ela. Antes, os homossexuais eram vistos como agentes livres que escolheram um caminho errado; agora, são vistos como agentes livres que escolheram um caminho neutro (senão um caminho positivamente

recomendado). A avaliação diverge, mas todos concordam com o fato da livre escolha.

O lado positivo é que as várias mentiras e desculpas transitórias em defesa da homossexualidade, que analisamos acima, foram finalmente abandonadas, e a "posição ética" dos apologistas agora está clara e honestamente exposta. Agora, tendo deixado de lado uma série de questões logicamente irrelevantes, podemos todos retornar à questão central, que é: esse comportamento, que todos reconhecem ser uma escolha livre, é *moral, imoral ou amoral?*

Ora, a moralidade não é uma questão de decreto, seja por parte de autoridades religiosas, filósofos morais, médicos, psiquiatras, sexólogos, jornalistas ou legisladores. Ela não pode ser imposta arbitrariamente, mas sim defendida de forma convincente.

Nesse contexto, é preciso observar imediatamente que a postura adotada pelos defensores da homossexualidade é logicamente *arbitrária* – eles não apresentam argumentos (pelo menos que eu tenha ouvido) que demonstrem racionalmente que a homossexualidade seja moral ou, ao menos, não imoral. Seu único argumento é relativista, até mesmo niilista – a alegação de que não existe moralidade, ou que tal coisa não pode ser conhecida pela razão. Eles dizem, na prática: cuidem da própria vida – são adultos que consentem [19]!

---

19 Falando em adultos que consentem, considere a seguinte história sórdida que vi em um noticiário da TV (acho que os detalhes estão corretos). Há alguns meses, na Alemanha, um

Mas uma objeção *direta* ao seu discurso antimoralista é logicamente inevitável. Ao condenarem o juízo moral em si, eles se envolvem em um ato de juízo moral . Outra fragilidade de seu argumento desdenhoso reside na aplicação [20]*seletiva* que fazem dele , conforme sua conveniência. Certamente consideram sua defesa política e midiática dos homossexuais como moral, visto que reagem com uma aparência de "justa indignação" quando alguém (como o autor deste ensaio) duvida ou se opõe às suas iniciativas teóricas e práticas a esse respeito.

Sua posição é, portanto, internamente inconsistente; é formalmente autocontraditória.

Além disso, existem muitos outros campos da atividade humana onde essas mesmas pessoas reconhecem prontamente o poder da razão para decidir prós e contras em relação ao comportamento humano – somente neste caso excepcional (ou seja, a homossexualidade), e talvez em alguns outros casos com tendências revolucionárias semelhantes, a razão é considerada (por elas) incapaz de julgar e aconselhar, e toda discussão ou dúvida é proibida (ou

---

homem foi julgado e condenado por canibalismo. Ele havia conhecido outro homem na internet e ambos concordaram que, após uma relação sexual homossexual, ele mataria e comeria o outro homem, o que foi exatamente o que aconteceu, aparentemente de consciência tranquila. O fato de haver consentimento obviamente não torna um ato eticamente justificável.

[20] A expressão "Cuide da sua própria vida" tem a forma lógica de um imperativo ético – ao mesmo tempo que alega estar acima de todos os outros imperativos éticos.

seja, imoral em sua visão). Isso nada mais é do que uma tentativa de intimidação e valentão intelectual da parte deles.

Os críticos da homossexualidade, por outro lado, apelam à inteligência e ao bom senso das pessoas. Já apresentamos alguns argumentos contra a homossexualidade que podem ser caracterizados como éticos, nomeadamente a análise do papel biológico e da justificação do sexo, que esperamos que tenham convencido bastante as pessoas. Resta destacar ainda dois outros conjuntos de argumentos: um baseado em considerações mais psicológicas e espirituais, e outro baseado em considerações mais sociais e políticas.

Um aspecto importante da livre escolha a ser observado aqui é o seguinte: dizer que algo é escolhido livremente significa que, por mais fortes que sejam as forças e tentações internas e externas que incidem sobre a pessoa em questão, ela possui o poder volitivo para resistir a elas. A vontade não pode ser livre e causalmente determinada ao mesmo tempo; influências negativas dificultam a tarefa da vontade positiva, mas não podem, literalmente, subjugá-la.

Além disso, se uma pessoa *acredita* que não tem capacidade de resistir a algum impulso, sua capacidade de resistência diminui proporcionalmente. Para agir com decisão, é preciso acreditar que a ação em questão é possível ou útil. As crenças que uma pessoa tem *influenciam* sua vontade de agir; as crenças estão entre as forças que afetam (embora não determinem) seu curso de ação.[21]

---

[21] Com relação às influências sobre a volição, veja meu livro anterior, *Volição e Conceitos Causais Afins* , capítulos 5-6.

Conclui-se, portanto, que os filósofos, psicólogos e outros defensores que (de uma forma ou de outra) dizem aos homossexuais que eles não podem resistir aos seus impulsos homossexuais ou mudar de comportamento (o que é, obviamente, falso – uma mentira), na verdade os influenciam a ceder a esses impulsos e a persistir em seus hábitos. Ou seja, estão tornando mais difícil para as pessoas com tendências homossexuais permanecerem heterossexuais ou para os homossexuais superarem suas preferências atuais.

Assim, os defensores da homossexualidade estão, na prática, *incitando* as pessoas à homossexualidade; eles agravam seus problemas. Por outro lado, os oponentes da homossexualidade ajudam os homossexuais, atuais ou potenciais, a fazerem escolhas ponderadas, lembrando-os de que – como seres humanos dotados de livre-arbítrio – eles são, em potencial, senhores ou senhoras de sua própria conduta sexual. Pergunte-se: qual dos dois é realmente mais gentil com você – alguém que o leva à fraqueza ou alguém que lhe dá força?

10. SENSUALIDADE E PERVERSÃO

O discurso ético, em geral, não é logicamente possível sem admitir que se refere a seres com faculdades de cognição, vontade e valoração [22]. Sem essas faculdades, não há nada a discutir, nenhuma utilidade em discutir qualquer coisa, ninguém para participar ou compreender a discussão ou colocar suas conclusões em prática. Em outras palavras, devemos começar reconhecendo que estamos falando de seres humanos, que possuem faculdade racional e livre-arbítrio. Se os seres humanos fossem máquinas ou estivessem sujeitos ao destino, não haveria debate.

Além disso, a ética não pode se limitar a considerações físicas e (em sentido estrito) mentais, mas deve abranger também as espirituais. Ter faculdades de cognição, vontade e valoração significa ter uma alma, ou seja, uma vida espiritual. Os seres humanos possuem uma alma (também

---

22 Com relação às pré-condições lógicas do discurso ético, veja meu livro anterior, *Volition and Allied Causal Concepts* , capítulos 17-18.

chamada de espírito), cujos interesses (beneficiário ou prejudicial) devem ser levados em consideração, juntamente com os interesses de seus corpos e mentes. Ignorar ou desconsiderar essas questões demonstra uma incompreensão dos próprios fundamentos da ética.

Assim, a ética – a ciência do que nós (pessoas) podemos ou devemos fazer ou não fazer – precisa se desenvolver com a consciência de todos os aspectos da natureza humana e da existência humana – não apenas os fatores fisiológicos (incluindo os genéticos) e psicológicos (incluindo as influências familiares, sociais e culturais), mas também os fatores espirituais (as percepções e concepções, os exercícios da vontade e os juízos de valor do indivíduo, tanto no corpo quanto na mente).

Todos esses diferentes fatores devem ser considerados e ponderados. Recusar-se a reconhecer um domínio ou outro é ignorância, estupidez, confusão intelectual ou desonestidade – não é uma postura cientificamente legítima.

Já abordamos (na discussão anterior) algumas das questões mais óbvias; aqui, vamos nos concentrar em algumas questões espirituais relevantes. Precisamos destacar duas atitudes, duas posturas e tendências da alma que são espiritualmente prejudiciais ou destrutivas. Essas aberrações não são encontradas exclusivamente na homossexualidade, mas talvez sejam encontradas nela com mais intensidade do que o habitual.

O primeiro aspecto é ***a sensualidade excessiva*** , ou seja, uma obsessão mental com sensações sexuais [23]. O efeito espiritual dessa atitude é que ela mantém a pessoa presa a instintos inferiores, mesmo quando estes não possuem nenhum valor fisiológico ou psicológico demonstrável.

Se um homem ou uma mulher não tem um parceiro sexual do sexo oposto, ou perdeu a esperança de encontrar um (devido a alguma deficiência, idade avançada ou qualquer outro motivo), então, logicamente, essa pessoa deveria se dedicar a atividades mais espirituais. Sustentar artificialmente o desejo e o prazer sexual por meio da masturbação, ou outros meios desviantes como a homossexualidade, não serve a nenhum propósito útil.

Trata-se de uma espécie de apego idiota a um fantasma da orientação original e natural do desejo, que está inscrita em nossos instintos para fins de reprodução. É como imaginar que se tem um braço ou uma perna quando se foi amputado. Tudo o que isso faz é acentuar e perpetuar a dor e o sofrimento.

No caso específico da homossexualidade, essa sensualidade é ainda mais complexa pelo fato de os parceiros envolvidos serem do mesmo sexo. Isso implica que estão envolvidos todos os tipos de interações físicas e mentais entre homens ou entre mulheres, que não estão inscritas em nossa natureza (que, como já explicamos, é voltada para as relações

---

[23] Para obter mais detalhes sobre a psicologia da sensualidade, consulte meu livro anterior, *Meditações* , capítulos 21-22.

heterossexuais). O homossexual tem que lidar com situações prejudiciais essencialmente artificiais. Essa situação equivocada certamente cobra seu preço, em um nível espiritual.

Por que a sensualidade é uma aflição espiritual? Consiste em atribuir valor desproporcional a sensações passageiras – em apegar-se em vão a algo tão impermanente e insubstancial quanto a fumaça. Tal política está fadada a ser destrutiva de alguma forma. Já é ruim o suficiente no caso dos heterossexuais, mas torna-se suicida no caso dos homossexuais, visto que sua situação existencial é mais complexa devido à sua natureza antinatural.[24]

Isso nos leva ao segundo aspecto: ***perversão*** ou perversidade de espírito. Este termo não é um insulto vazio, mas uma característica identificável. Refere-se, em geral, a valorizar algo *porque* deveria ser desvalorizado – ou seja, não apesar de ser considerado de alguma forma negativo, mas precisamente porque é proibido, vedado, ruim, maligno, perigoso, prejudicial, pouco atraente, feio, estranho, pervertido, ambivalente, esquisito, sujo, nojento, repulsivo, abominável, cruel, ilegal, criminoso, etc. É uma disposição ou preferência distorcida pelo oposto daquilo que a razão, após ponderação adequada das questões envolvidas, recomenda.

---

[24] Já é bastante difícil para os seres humanos lidarem com as dificuldades que a natureza lhes impõe; é insensato acrescentar a esses obstáculos dificuldades artificiais que podem ser facilmente superadas. A sabedoria recomendaria evitar completamente esses problemas supérfluos.

Com relação ao desejo sexual, especificamente, essa perversidade se expressa na forma de desejar objetos ou atos sexuais que fogem ao comum de alguma maneira distorcida. Por exemplo: interesse em sodomia ou prazer em se vestir para se parecer com alguém do sexo oposto. Algumas pessoas se sentem bastante indiferentes ou blasés em relação a objetos ou atos sexuais comuns, e só se sentem atraídas por coisas ou pessoas que têm um ar de decadência ou corrupção. Essa atitude é certamente uma expressão de impureza espiritual e tende a gerar mais dela [25].

O erro de raciocínio inerente à perversão reside na imaginação de que possa haver *algum prazer extra, oculto, ou outro valor* naquilo que é moralmente proibido. [26]A perversão sexual é, portanto, uma forma exacerbada de sensualidade – uma busca por uma excitação sexual *extraordinária* . Para o pervertido, os prazeres comuns "não são suficientes". Há sempre uma ânsia por mais – não apenas quantitativamente mais, mas também progressivamente mais e mais bizarro.

Este é um problema existencial, pois pode levar uma pessoa a problemas físicos (como AIDS e outras doenças),

---

[25] Considere, por exemplo, a história de canibalismo mencionada em uma nota de rodapé anterior. Este é, obviamente, um exemplo extremo; é verdade que nem todos os homossexuais são canibais. Mas isso demonstra o quão estranhas as pessoas podem ser, permitindo-se desenvolver desejos antinaturais.

[26] Isso é bem ilustrado, por exemplo, na história bíblica de Eva sendo tentada pela serpente a comer o fruto proibido, por meio de descrições sutis de quão "delicioso" ele era (Êxodo 3:1-7).

problemas psicológicos (como transtornos de personalidade e identidade, baixa autoestima) e problemas sociais (como conflitos sociais e ostracismo). Mas esse pensamento impuro é especialmente um problema espiritual, já que se baseia na ilusão, ou seja, em um erro fundamental de compreensão. Portanto, inevitavelmente, leva a pessoa a se afastar da paz interior, do equilíbrio e da clareza.

Uma vez que se desenvolvem e se seguem tais inclinações, não há limite para o quão fundo se pode afundar. A descida pode parecer controlada a princípio, mas eventualmente torna-se incontrolável. Tendo-se identificado repetidamente com impulsos físicos ou mentais dispersos, a alma transformou suas faculdades de cognição, vontade e valoração em meros instrumentos a serviço desses impulsos, e torna-se cada vez menos capaz de reafirmar o controle sobre elas a serviço de valores superiores.

11. IMPUREZA ESPIRITUAL

Todos os argumentos propostos neste ensaio são dirigidos apenas incidentalmente a homossexuais praticantes. É muito improvável que essas pessoas sejam movidas pela razão a rever seus hábitos. É muito duvidoso que, mesmo que se endireitassem e se comportassem corretamente, conseguiriam salvar suas almas do abismo ao qual se condenaram. Provavelmente, já se macularam de forma indelével.

A alma é, de fato, eternamente pura. Não podemos dizer que ela esteja literalmente manchada, visto que não pode ser *misturada com* substâncias não espirituais (isto é, mente ou matéria), e a substância espiritual é universalmente una e sempre a mesma.

Contudo, poderíamos dizer que a alma está irremediavelmente *sobrecarregada por* acúmulos mentais e físicos negativos que se aderem à sua superfície, por assim dizer. Mas talvez a descrição mais precisa da impureza espiritual seja a de que a alma está tão iludida por

transgressões passadas que *sua consciência* se torna obscurecida e não consegue mais encontrar o caminho de volta à clareza e à compreensão.

A homossexualidade parece ter um efeito negativo tão definitivo, sem possibilidade de redenção. Isso não significa que os homossexuais não devam tentar melhorar sua conduta. Eles ainda podem, por meio desse esforço, esperar melhorar um pouco sua condição espiritual e se redimir parcialmente (ou, pelo menos, não piorar ainda mais sua situação e cair ainda mais em desgraça). Mesmo uma pequena redenção é melhor do que nenhuma.

Não, este ensaio não se dirige a homossexuais praticantes, mas sim a jovens virgens e outras almas ainda inocentes que, sob a influência de uma cultura cada vez mais corrupta, podem estar considerando adotar esse comportamento inadequado por qualquer motivo. Dirige-se também a filósofos morais, líderes religiosos, profissionais da saúde, educadores, formadores de opinião e legisladores – para exortá-los a pensar e agir de forma responsável.

Antigamente, a maioria das pessoas tinha grande fé na Bíblia Hebraica ou em textos igualmente autorizados de outras tradições religiosas. Bastava que a Torá ordenasse. *"Não te deitarás com homem, como se fosse mulher; é abominação"* (Levítico 18:22) [27], e a maioria dos judeus acatava. Isso não

[27] Uma interdição relacionada é a contra o travestismo, em Deuteronômio 22:5; tais práticas, por homens ou mulheres, também são rotuladas como "abominação", provavelmente porque refletem e produzem confusão mental em relação a objetos de interesse sexual, eventualmente levando algumas pessoas a

se devia apenas ao medo de uma eventual retribuição divina, ou porque tal comportamento fosse legalmente punível com severidade [28]. Era fruto de um profundo amor pela dignidade e decência comuns, por um certo modelo de humanidade [29].

Algumas pessoas ainda hoje têm uma visão clara do que significa ser um ser humano. Essas pessoas não precisam ser

---

respostas e práticas homossexuais. Quanto à transexualidade (que é um tema em voga atualmente, quando a cirurgia de mudança de sexo parece ser fácil e popular), ela parece ser proibida pelo judaísmo (e tradições semelhantes), principalmente porque (em casos normais) constitui mutilação voluntária das capacidades reprodutivas naturais. A essa razão biológica, podemos acrescentar que as atividades sexuais de transexuais (voluntários) são efetivamente homossexuais (já que as mudanças anatômicas são superficiais e não afetam a constituição genética dos indivíduos, de modo que um "ex-homem" continua sendo um homem, e o mesmo vale para as mulheres) ou efetivamente travestis (de modo que, se um "ex-homem" tem relações sexuais com uma mulher, ou vice-versa, não é homossexualidade, mas sim "vestir-se", não apenas com roupas inadequadas, mas também com partes do corpo falsas).

[28] Também está escrito: "Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram abominação; certamente serão mortos; o seu sangue será sobre eles" (Levítico 20:13). O crime de sodomia era levado tão a sério que a pena de morte era prescrita para ele.

[29] Se há algo em qualquer livro sagrado que me convença de sua inspiração divina, de que provém *da fonte mais profunda da verdade e da bondade do espírito humano* , é a inclusão de leis contra tal obscenidade. Claro, a tradição *por si só* não é prova; mas a modernidade também não o é. Poderíamos dizer, de forma naturalista, que nossos ancestrais aprenderam certas lições de vida por meio de experiências amargas e as transmitiram a nós na forma de ensinamentos religiosos, espirituais ou de sabedoria. Esses ensinamentos não nos impõem verdades improváveis, mas sim nos lembram daquilo que, no fundo, já sabemos instintivamente ser verdade.

convencidas. Este ensaio não se dirige a elas, mas àqueles que perderam o rumo. Se não têm fé nas tradições religiosas, talvez alguns argumentos racionais as convençam. Se estão pensando em se envolver com a homossexualidade, talvez esses argumentos as ajudem a refrear seus impulsos. Se já se envolveram em atos homossexuais, talvez esses argumentos as façam parar e desistir.

Alguns, é claro, continuarão rebeldes em seu caminho e, de fato, reafirmarão arrogantemente seu "direito" a ele. Esse é o problema deles; certamente sofrerão as consequências de sua escolha, de uma forma ou de outra. Sua obstinação, sua insolência, sua falta de vergonha, sua impudência, sua imodéstia os levarão ao erro – "com certeza absoluta". Eles não têm medo nem arrependimento agora; mas um dia, "seus dentes baterão e eles rangerão as línguas". Espere para ver o que pensarão e sentirão na hora da morte.

A natureza humana é tal que todos somos capazes da mais sublime virtude e espiritualidade, ou das mais profundas depravações e vícios. Isso é o que significa ter livre-arbítrio, o poder de escolha. Significa que toda a gama de condutas humanas possíveis é *potencial* para cada indivíduo. Não há nada de errado em ter um potencial natural para o vício ou o mal – o que importa eticamente é se esse potencial é ou não *concretizado* . De fato, a respeitabilidade dos virtuosos e bons reside no fato de que eles possuíam o potencial oposto e escolheram esse caminho exigente.

Felizmente para a humanidade, existem e provavelmente sempre existirão pessoas boas e decentes que conhecem a

honra de serem humanas. A distribuição estatística do bem e do mal no mundo provavelmente segue o formato tradicional de sino, embora sua dispersão possa variar. Não devemos nos deixar enganar pela popularidade de atos feios ou malignos (em um determinado momento histórico, em uma determinada sociedade) e acreditar que a natureza humana é inerentemente assim. Isso seria apenas uma desculpa ou pretexto para se juntar às fileiras daqueles que carecem de dignidade.

Os seres humanos são, infelizmente, capazes de grande depravação. Pessoas que se entregam completamente a cada impulso sexual passageiro acabam enlouquecendo e desejando sexo com praticamente qualquer coisa que cruze seu caminho. Um homem desejará penetrar quase tudo, e uma mulher desejará ser penetrada por quase tudo. Podem perder todo o senso de dignidade ou decência e ter relações sexuais com cadáveres, animais ou outras pessoas do mesmo sexo.

12. A ESSÊNCIA DA SODOMIA

A sensualidade normalmente se refere ao desejo ou à busca pelo prazer sexual. Uma forma comum de sensualidade é obter prazer sexual ao pensar ou vivenciar o prazer que o parceiro está sentindo. Essa é uma forma positiva e relativamente normal de sensualidade – é a experiência vicária do prazer. Em vez de apenas receber prazer, a pessoa *o recebe ao proporcioná-lo* . Como é essencialmente benevolente, é comumente considerada uma forma de "fazer amor".

Mas é importante notar que existe um paralelo negativo para isso: obter prazer sexual *com a dor* infligida ao parceiro. Nesse caso, o prazer é obtido ao causar dor. Isso se chama **sadismo** . Sendo essencialmente malévolo, deve ser considerado uma forma de ódio; é biologicamente anormal, motivado pela destruição de outros seres humanos. Isso é verdade mesmo nos casos em que o parceiro que sente dor é uma vítima voluntária, ou seja, nos casos de **masoquismo** . Aqui, o ódio a si mesmo e a autodestrutividade estão

claramente envolvidos – duas disposições obviamente prejudiciais.

O sádico e o masoquista têm em comum a ideia perversa de que o prazer se obtém com a dor – seja a dor do outro ou a própria. Além dessa crueldade, compartilham o desprezo e o ódio por si mesmos, com a diferença de que: enquanto o masoquista expressa essas emoções diretamente por meio da autovitimização, o sádico as expressa indiretamente, projetando-as em alguma vítima em vez de em si mesmo.

Nessa perspectiva, cabe observar que o ato sexual mais associado à homossexualidade masculina, ou seja, a sodomia, é essencialmente um ato sádico. Isso se aplica mesmo nos casos em que o homem submetido ao sexo anal é um parceiro consentido e considera o ato prazeroso (sadomasoquismo). Por quê? Porque esse ato é intrinsecamente *humilhante* para o homem [30]– ou seja, envolve inevitavelmente o dano psicológico e a dor da perda da masculinidade e da autoestima.

Um homem que deseja penetrar outro homem é, portanto, essencialmente um sádico, e um homem que deseja ser penetrado por outro é essencialmente um masoquista. O sadismo envolvido é, obviamente, mais evidente em casos de pedofilia homossexual ou estupro de homens adultos; mas é igualmente manifesto (assim como o masoquismo) em casos

---

30 Isto é algo que todo homem ainda capaz de enxergar dentro de si sabe ser verdade. Mesmo que a mente de alguns homens tenha se tornado tão obscura que eles não consigam mais ver essa verdade, ela continua sendo verdade.

de sexo consensual entre adultos. Em todos os casos, tal comportamento (se voluntário) é psicologicamente prejudicial.

O sodomita agride a masculinidade de seu parceiro (ou vítima) e, assim, expressa certo ódio a essa masculinidade e, portanto (sendo ele próprio homem), certo ódio a si mesmo. Ao abusar de seu parceiro sexual dessa forma, ele revela suas próprias dúvidas e conflitos internos. Por outro lado, o receptor voluntário da sodomia, ao permitir que sua natureza masculina seja subjugada, revela seu próprio desprezo por si mesmo. Além disso, ao permitir ou encorajar outro homem a se comportar dessa maneira, ele causa esse outro dano.

Assim, ambos os participantes da sodomia voluntária são culpados de mau uso do corpo do parceiro, revelando e agravando seus próprios problemas psicológicos graves. Não há como considerar o ato de sodomia uma escolha mentalmente saudável. É inevitavelmente prejudicial para ambos os homens envolvidos.

Julgamentos semelhantes podem ser feitos em relação a outros atos sexuais entre homens e atos sexuais entre mulheres, em graus variados. Além da imodéstia, todos esses atos são caracterizados pelo uso mútuo e indevido do gênero de ambos os parceiros, implicando tanto ódio ao outro quanto autoaversão. São, portanto, todas formas de sadomasoquismo, embora, novamente, em graus variados.

Nesse contexto, vale a pena observar os motivos mais profundos dos homossexuais que organizam ou participam de desfiles públicos. Observe nessas manifestações: o

exibicionismo, as demonstrações provocativas, o travestismo e as expressões faciais sugestivas. A intenção principal claramente não é (como se alega) política, um desejo de serem reconhecidos como seres humanos. Em vez disso, percebe-se uma vontade de chocar as sensibilidades comuns, uma determinação de rebaixar os padrões das pessoas.

A impressão que fica é que o que os homossexuais realmente querem é macular outras pessoas com sua impureza. Eles desejam que os outros sejam arrastados, quer queiram quer não, para sua visão distorcida da sexualidade humana. Nada deve permanecer puro, intocado por sua sujeira. Observe, em particular, os esforços feitos pelos homossexuais para desfilarem pelas ruas de Jerusalém e outros lugares considerados sagrados por muitos. Eles não têm nenhuma consideração pelos valores alheios.[31]

Os homossexuais precisam se perguntar qual é o propósito da vida, pois claramente perderam todo o senso de direção. Será que a vida humana se resume a uma busca desesperada por sensações estranhas, independentemente dos efeitos colaterais dessa busca? Não: a vida é muito mais do que isso – ou seja, há uma ampla responsabilidade pessoal e social pelo desenvolvimento espiritual.

---

31 Na visão deles, até mesmo Deus precisa ser forçado a amá-los como são. Não lhes basta ignorar a presença de Deus (que está em toda parte, em alguma medida) na privacidade de seus lares; querem exibir descaradamente suas impurezas diante Dele em público, inclusive nos lugares mais sagrados (onde Sua presença é mais forte).

Eles precisam se distanciar completamente de seus hábitos atuais e se perguntar: Que tipo de pessoas querem ser, tanto para si mesmas quanto para os outros? Que tipo de mundo estão criando à sua imagem e semelhança, levados por seus impulsos mais sombrios? As pessoas se deixam levar pelo turbilhão da vida e perdem de vista sua pureza e seus ideais originais. Não conseguem recuperar essas preciosas virtudes e valores inatos sem um esforço determinado.[32]

[32] As pessoas podem fazer comentários sarcásticos em resposta a essas perguntas, mas certamente, em algum lugar no fundo, elas sabem o que está acontecendo.

13. UMA REVOLUÇÃO SOCIAL

Como já foi indicado, nas últimas décadas houve uma mudança radical nas atitudes sociais e políticas em relação à homossexualidade. O que, há cerca de cinquenta anos, era geralmente condenado, foi gradualmente legitimado; até hoje, quando a homossexualidade parece ser não apenas tolerada, mas até mesmo promovida.

As leis, e até mesmo as constituições, da maioria das nações ocidentais foram alteradas para garantir aos homossexuais o direito de praticar livremente sua sexualidade. Existem leis que obrigam os empregadores a contratar (ou manter em seus empregos) homossexuais, por mais desagradável que isso possa ser para os demais funcionários (que se tornam público cativo).

Muitas instituições religiosas, incluindo o movimento judaico reformista e a Igreja Anglicana, legitimaram efetivamente a sodomia, negando diretamente suas próprias Escrituras, ao admitirem rabinos ou padres "gays".

Chegamos ao ponto em que defensores da homossexualidade nos EUA estão tentando fazer com que as escolas ensinem as crianças sobre o assunto. Superficialmente, a intenção parece ser remover todo o estigma da homossexualidade, permitindo que as pessoas com essa inclinação façam o que quiserem. Mas , *na prática* , a máquina social está produzindo cada vez mais homossexuais. As medidas tomadas ostensivamente "em defesa" da homossexualidade resultam em um número maior dela do que haveria de outra forma – o que significa que, na verdade, elas *a disseminam* .

Tragicamente, a propaganda e os esforços legais dos defensores da homossexualidade nas últimas duas gerações foram amplamente bem-sucedidos. Muitos jovens de hoje foram criados acreditando que defender os homossexuais é uma boa ação. Mesmo que muitos deles permaneçam heterossexuais, seu nível de tolerância à homossexualidade aumentou consideravelmente. A fronteira entre o decência e a indecência foi gradualmente alterada, de modo que pessoas antes consideradas desviantes morais agora são aceitas por grande parte da opinião pública, da mídia e dos fóruns políticos.

A mudança social começou como um gotejamento e, ultimamente, transformou-se em um tsunami. O que antes era um fenômeno raro está se tornando cada vez mais comum. No início, havia apelos à tolerância à diferença; ultimamente, testemunhamos a mídia inundada diariamente com lembretes sobre a homossexualidade, como se o objetivo fosse torná-la a nova norma social. Os interesses

comerciais sabem reconhecer uma oportunidade lucrativa e começaram a ostentar a homossexualidade em suas propagandas, corrompendo ainda mais a juventude.

O que durante grande parte da nossa história foi considerado um erro manifesto foi subitamente declarado um "direito humano" por algumas pessoas no poder e inscrito como tal nos códigos legais. A palavra "direito", aqui utilizada, é intencionalmente ambígua – superficialmente, refere-se a uma condição política e jurídica; mas, adicionalmente, sugere que se trata de algo moralmente aceitável e até mesmo bom.

Os historiadores do futuro balançarão a cabeça em espanto e descrença, após a implementação dessa política, quando os efeitos destrutivos dessa praga moderna se tornarem evidentes.

Essas mudanças sociais radicais, é claro, não ocorreram de repente e por acaso, mas apenas gradualmente e por meio do envolvimento ativo e intencional de muitas pessoas. Esse foi o "movimento de libertação gay/lésbica".

Primeiro, cada vez mais pessoas, libertadas pelo movimento geral de "libertação sexual" do final dos anos 60 e início dos anos 70, se tornaram homossexuais [33]. Então, muitas dessas pessoas foram às ruas em manifestações de massa chamadas

[33] Isso pode ter ocorrido por meio de uma cultura de promiscuidade heterossexual desenfreada, que com o tempo abriu caminho para orgias (frequentemente induzidas por drogas), durante as quais desejos sexuais e contatos entre pessoas do mesmo sexo podiam surgir e, às vezes, surgiam.

de "paradas do orgulho gay". Essas paradas chocaram grande parte do público, mas também serviram para angariar muitos novos adeptos, seja à prática da homossexualidade ou, pelo menos, à sua causa.

Primeiro, as pessoas foram instruídas a serem *gentis* com os homossexuais, a sentirem pena de suas dificuldades e a não as agravarem. Depois, foram instruídas a serem *tolerantes* com eles, a aceitarem que têm o direito de fazer suas próprias escolhas, mesmo que outros discordem delas. Agora, as pessoas são praticamente silenciadas – a homossexualidade é considerada um assunto encerrado, sem espaço para dúvidas ou discussões. Uma nova fé e um novo dogma foram estabelecidos; é proibido opor-se à homossexualidade ou sequer torná-la um tema de debate. É um *fato consumado* , algo que já está feito.

O assunto é declarado encerrado em alto e bom som, e fica fortemente implícito que qualquer objeção poderá resultar em processos judiciais. Os assessores de imprensa, ao aplicarem a noção de "liberdades civis" à homossexualidade, fazem com que qualquer ideia contrária pareça ilegal. As liberdades de expressão e de oposição política, defendidas em todos os outros domínios como fundamentais para a democracia, são consideradas nulas e sem efeito quando se levanta a questão da homossexualidade. Sob o manto do "liberalismo", emergiu uma nova ditadura.

Expressões verbais de desaprovação em relação aos homossexuais são indignadas e reprimidas com ferocidade por pessoas em posições de autoridade (editoriais, políticos,

educadores, etc.), como se a crítica a tal comportamento fosse simplesmente inconcebível.

Neste assunto, excepcionalmente, nossas democracias toleram muito pouca discussão moral ou política – instituiu-se um totalitarismo do "politicamente correto". Subentende-se que expressar desaprovação a essa classe de pessoas é insultá-las, menosprezar sua dignidade humana. Devemos, portanto, permanecer em silêncio diante da indignidade que infligem a si mesmas e a toda a espécie humana com seu comportamento.

A questão é comparada ao racismo ou ao antissemitismo [34], como se um subconjunto genético da humanidade ou algum novo caminho espiritual estivesse sob ataque. O fato de essa comparação com os homossexuais poder parecer um insulto para muitos negros ou judeus não é levado em consideração [35]. Aponta-se que Hitler tentou exterminar homossexuais, assim como judeus e ciganos – a implicação sendo que nossos padrões morais devem ser definidos pela contradição dos padrões de Hitler [36].

---

34 Em francês, os termos negrofobia e judeofobia também são comumente usados. Observe que, às vezes, também se faz uma comparação com a xenofobia – a rejeição de estrangeiros – sob o argumento de que a antipatia por homossexuais é meramente intolerância psicológica à diferença; isso, é claro, não passa de um disparate.

35 Considere, em particular, se alguma das vítimas do Holocausto teria apreciado a comparação, que não é nada lisonjeira para elas.

36 O absurdo desse raciocínio fica evidente se aplicarmos a mesma lógica a outras categorias de comportamento. Por exemplo, o fato de Hitler ter mandado executar alguns assassinos

Alguns desses argumentos foram formulados por ativistas homossexuais que por acaso eram (lamento dizer) judeus ou negros. Essas pessoas astutamente [37]se apropriaram da linguagem e dos argumentos usados em defesa dos direitos dos judeus e dos negros, e os transpuseram para os "direitos" dos homossexuais. Este último grupo foi, assim, efetivamente apresentado ao público como apenas mais uma minoria étnica ou religiosa. Eles pediam apenas para serem tratados com justiça e sem discriminação, como se o que faziam juntos fosse moral e socialmente totalmente irrelevante.

implica que, a partir de então, devemos legalizar o assassinato? Claramente, as antíteses da peculiar mistura de juízos de valor de Hitler não podem ser usadas como normas universais.

[37] E sem respeito pela memória sagrada das vítimas do Holocausto e de outras perseguições e pogroms semelhantes.

14. OS DEFENSORES E PROMOTORES DA HOMOSSEXUALIDADE

As muitas pessoas que tentam opor-se a esta revolução moral e social imposta são silenciadas pela intimidação ou pelo ridículo – são levadas a sentir-se como reacionárias ou retardadas. São atacadas pessoalmente, a fim de neutralizar as suas críticas. Insinua-se que a sua oposição pública à homossexualidade poderá dever-se a tendências homossexuais subconscientes, que querem negar a si mesmas ou esconder dos outros.

Os defensores da homossexualidade, por outro lado, são considerados sexualmente puros, ou pelo menos honestos. Ninguém parece questionar as inclinações sexuais, a sanidade ou a integridade dos legisladores que estão impondo isso goela abaixo das pessoas (com o perdão do trocadilho). É natural questionar como esses políticos foram recrutados para essa causa injusta – alguns, sem dúvida, eram cúmplices (já imorais por natureza), mas certamente muitos eram mercenários amorais (que fariam qualquer coisa

por votos) ou covardes morais (temendo a rejeição ou o ridículo popular).

Muitos homossexuais eram, naturalmente, intelectuais que ocupavam ou conquistaram posições de destaque na mídia, na academia, na política e em toda a sociedade. Essas pessoas fizeram-se sentir ao longo do tempo e conseguiram mudar a sociedade como desejavam. Nem todos os defensores da homossexualidade eram homossexuais praticantes ou mesmo pessoas com tendências homossexuais, mas uma grande parte certamente o era. As pessoas normalmente não perseguem objetivos públicos sem algum interesse pessoal em jogo.

Vi um professor universitário americano, dando aulas de psicologia na Universidade de Genebra, manipulando descaradamente uma sala de aula cheia de alunos ávidos com fatos e estatísticas falsos, ou interpretações tendenciosas de fatos e estatísticas, para convencê-los da naturalidade, normalidade ou pelo menos da grande frequência da homossexualidade. Li uma coluna de jornal no estilo "Cara Abby", onde um jovem que lutava com emoções ou sentimentos que não conseguia compreender era aconselhado pela colunista a se tornar homossexual.

Lentamente, muito lentamente, por meio de intervenções verbais precisas vindas de posições de autoridade, a sociedade foi transformada (literalmente).

Alguns defensores da homossexualidade são, naturalmente, homossexuais; alguns têm tendências homossexuais que talvez gostariam de concretizar. Alguns defensores não

divulgam sua orientação homossexual, ou mesmo a escondem, enquanto outros a admitem abertamente [38]. É compreensível que essas pessoas queiram legitimar seu próprio comportamento ou desejos. Além disso, ao defender a homossexualidade, tornam-se mais atraentes dentro de seu grupo de pares; e, ao promovê-la, criam novos parceiros em potencial.

Mas e quanto aos defensores da homossexualidade que não são homossexuais? Qual é a motivação dessas pessoas? A motivação que alguém alega ter, seja sincera ou desonesta, pode não ser a verdadeira. Será que essas pessoas estão buscando justiça de forma altruísta, como fingem fazer, ou estão tentando construir um mundo onde suas próprias pequenas impurezas sexuais ou de outra natureza não sejam malvistas?

Além disso, seja qual for o suposto motivo de uma pessoa, o que importa são as consequências reais de seus atos. Essas pessoas estão sendo bondosas, como imaginam, ou estão, na

---

38 Ouvi recentemente na TV que Alfred Kinsey, pioneiro da "sexologia" experimental na década de 1950, era homossexual. Se bem me lembro, esse fato não foi divulgado quando li sobre seu trabalho na mídia durante os anos 70. Essa informação relevante foi habilmente ocultada na época. Ele foi apresentado como um pesquisador científico objetivo. Entre suas "descobertas" estava a afirmação de que (se não me falha a memória) 15 a 20% da população dos EUA havia tido experiências homossexuais, ou seja, eram homossexuais exclusivos ou bissexuais. Certamente, a credibilidade e o poder de transformação social de tais afirmações teriam sido muito reduzidos se as inclinações pessoais de Kinsey fossem de conhecimento público.

verdade, causando danos sem sentido às mesmas pessoas que afirmam defender? É preciso dizer que não há justiça nem bondade em encorajar alguém a se prejudicar, ou mesmo em não desencorajar tal comportamento.

Superficialmente, pode parecer uma atitude prestativa e amigável, para que a pessoa em um caminho autodestrutivo ao menos não se sinta mal por isso e siga "alegremente" para o seu destino. Mas é evidentemente mais benevolente alertar urgentemente a pessoa em perigo e até mesmo ajudá-la a escapar do risco. O simples fato de não intervir não pode ser considerado bom, nem o simples fato de intervir pode ser considerado ruim. O motivo e (mais importante) as consequências devem ser analisados antes de qualquer julgamento ser feito.

Os heterossexuais têm atitudes variadas em relação aos homossexuais. Alguns heterossexuais toleram facilmente os homossexuais [39]. Se estes forem do mesmo sexo, talvez a razão seja o fato de não representarem uma competição por atenção de pessoas do sexo oposto. Se os homossexuais forem do sexo oposto, a sua homossexualidade não é necessariamente repulsiva para alguns heterossexuais; pode até ser vista como uma atração ou um desafio adicional.

Alguns heterossexuais consideram os homossexuais intoleráveis, talvez por não quererem se envolver no mundo repugnante ou depressivo dos homossexuais. Essas pessoas

---

39 Em graus variados: às vezes, com um toque de desprezo; às vezes, com um sorriso divertido; às vezes, com uma cordialidade preocupada.

são rotuladas (pelos defensores da homossexualidade) de "homofóbicas". Isso visa insinuar que a oposição à homossexualidade é de alguma forma doentia, baseada em medo ou ódio irracionais, repreensível. É apresentada como uma mera reação emocional, como se nenhuma dissidência racional fosse concebível. Alguns homofóbicos de fato chegam a recorrer a abusos verbais ou repressão violenta [40]; mas a maioria se mostra crítica de uma maneira mais civilizada.

Se esse termo carregado de preconceito for usado para todos os oponentes da homossexualidade, então todos os seus defensores deveriam ser chamados de "homófilos". Os homofóbicos não devem se deixar envergonhar pelos homófilos por rejeitarem a homossexualidade; trata-se de uma postura saudável, da qual podem se orgulhar. Os homófilos podem muito bem acusar os homofóbicos de preconceito e desumanidade, mas eles (os homófilos) não são exemplos de moralidade ou guias espirituais puros. Sua grosseria é tamanha que amam o mal e odeiam o bem; são meros apologistas de práticas imorais.

---

40 E, obviamente, esse tipo de comportamento incivilizado não é o que está sendo defendido aqui.

15. ALGUMAS QUESTÕES LEGAIS

Do ponto de vista da filosofia do direito, o direito à prática da homossexualidade é bastante questionável. É concebível que exista o direito de adultos que consentem em se comportar como desejarem em privado; certamente, tal direito pode ser reivindicado para heterossexuais.

Mas lembre-se da regra geral de que *os direitos de uma pessoa ou grupo de pessoas terminam onde começam os de outra* . Certamente, no caso dos homossexuais, muitos perigos para a sociedade podem ser alegados para limitar ou excluir seus direitos potenciais [41].

---

41 Para dar um exemplo concreto: a transexualidade voluntária parece, à primeira vista, uma escolha privada sem consequências sociais. No entanto, à medida que essas mudanças de sexo se disseminam, os homens ficam cada vez mais inseguros quanto ao gênero das mulheres que encontram, se são realmente mulheres ou ex-homens; e, da mesma forma, as mulheres passam a duvidar do verdadeiro gênero dos homens que conhecem. Isso pode parecer uma anedota engraçada, mas constitui uma erosão ainda maior das relações heterossexuais.

Nas últimas décadas, muitas atividades tradicionalmente consideradas imorais foram declaradas legais em países ocidentais. Alguns exemplos notáveis:

- Algumas leis têm sido favoráveis às corporações, permitindo-lhes operar indústrias reconhecidamente poluentes ou que prejudicam a saúde e o bem-estar de muitos cidadãos.
- Na América do Norte, embora em menor escala na Europa, os 'organismos geneticamente modificados' (OGM) foram permitidos praticamente sem pesquisa ou debate sobre seus efeitos ambientais e de saúde a longo prazo, e sem conceder aos consumidores qualquer informação ou opção de escolha no supermercado.
- A lei passou a permitir a produção e o comércio em massa de pornografia, corrompendo moralmente inúmeras pessoas que, de outra forma, teriam permanecido muito mais puras em seu comportamento sexual.
- O aborto a pedido tornou-se legal em muitos países, apesar da forte resistência dos defensores da vida. O que é surpreendente é como os defensores do direito ao aborto são apresentados pela maioria dos meios de comunicação, pelo menos na Europa, como cruzados morais (pelo “direito das mulheres sobre seus próprios corpos”), enquanto os defensores do direito à vida do feto são retratados como retrógrados imbecis (com tendências assassinas, já que alguns deles recorreram à força). Raramente se menciona que, no século passado,

> estima-se que *um bilhão* de abortos foram realizados legal ou ilegalmente em todo o mundo![42]

Muitos outros exemplos podem ser dados da divisão entre lei e moralidade. Um exemplo particularmente chocante é a legalização da homossexualidade nos últimos anos.

Os homossexuais certamente existiram em números relativamente pequenos ao longo da história, embora geralmente fossem malvistos e frequentemente punidos por lei. De repente, a partir dos EUA, essas pessoas conseguiram mudar a lei a seu favor na maioria dos países ocidentais. Ganharam a simpatia de certos meios de comunicação e tornaram-se populares. Muitos jovens, confundindo legalidade com permissibilidade moral, foram atraídos para perversões que, se tivessem nascido alguns anos antes, jamais teriam sequer cogitado.

Inicialmente, os homossexuais alegavam que suas práticas eram assunto privado de adultos que consentiam (aparentemente dizendo: "não se metam na minha vida"). Depois, exigiram o direito a demonstrações públicas provocativas, independentemente da sensibilidade alheia (o que, aliás, propagou seus "valores" na população em geral, incluindo crianças, rebaixando os padrões gerais e aumentando seu próprio número). Por fim, reivindicaram legitimidade e respeitabilidade.

---

[42] Compare este número (um número redondo) com as fatalidades da guerra durante o mesmo período. Veja www.johnstonsarchive.net/policy/aborto/wrjp338sd.html .

Agora exigem o direito ao casamento (o que implica vantagens fiscais, ou seja, subsídios públicos). Além disso, reivindicam o direito de adotar crianças (transmitindo assim diretamente seus valores a outros seres humanos, que nem sequer são adultos capazes de consentir).

Assim, passo a passo, essas pessoas buscaram: tolerância pública, depois justificativa e conivência, depois apoio e, por fim, propagação. Para completar, fingindo ser uma minoria perseguida, vítimas inocentes de um ódio sem causa, conseguiram sequestrar o sistema legislativo e judiciário em seu mais alto nível, em alguns países, aparentemente transformando até mesmo a mera oposição verbal ao seu progresso em um crime constitucional ou contra a declaração de direitos [43], de modo que nem mesmo filósofos da ética ousam debater o assunto sem temer a prisão ou multas. Xeque-mate!

Ainda assim, é preciso dizer que a homossexualidade não é um "direito", isento de qualquer escrutínio. *Nenhum ato humano voluntário está fora do âmbito da ética. Nada na ética impede que certos padrões de comportamento sejam avaliados e considerados repreensíveis.* O papel da ética é precisamente considerar as diversas consequências de cada padrão de comportamento proposto e avaliá-lo de forma imparcial, ou seja, sem se deixar intimidar por ameaças ou

---

43 Presumo que estejam também buscando reconhecimento e proteção em cartas internacionais. Eles entendem muito bem que, quanto mais proteções legais conseguirem, mais difícil se tornará reverter essa tendência.

pressões sociais, tendo como referência apenas as necessidades profundas da humanidade.

Em termos materiais, poderíamos, por exemplo, mencionar o papel factual e histórico desempenhado pelos homossexuais (e, em particular, pelos bissexuais) na disseminação da AIDS durante seus primeiros anos nos países ocidentais. Consideremos em que medida isso afetou as relações entre os heterossexuais (a maioria da população): homens e mulheres não podiam mais ter relações sexuais tão livremente sem preservativo; e quando tinham relações sexuais, o preservativo que usavam constituía uma separação física entre eles. Consideremos também quantos heterossexuais acabaram contraindo a doença e morrendo (milhões, sem dúvida), embora inocentes de práticas homossexuais.[44]

Em um plano espiritual, as principais tradições da humanidade parecem concordar que os seres humanos não devem permitir que impulsos tão baixos e impuros se desenvolvam e se propaguem. Certamente, as tradições judaica, cristã e muçulmana consideram tal comportamento impróprio, prejudicial e passível de interdição [45]. As tradições orientais não atacam especificamente essas práticas

---

44 Fico perplexo com os comentaristas que preferem ignorar essas vítimas "acidentais" da homossexualidade, a fim de parecerem "tolerantes" e "benevolentes" com os culpados; certamente eles compartilham da culpa moral.

45 O fato de que, ultimamente, cada vez mais clérigos têm sido comprometidos ou intimidados a defender ou permitir a homossexualidade não altera a clara intenção doutrinária das Escrituras.

(pelo que sei – nunca as vi mencionadas), mas as desaprovam efetivamente no contexto mais amplo do controle da luxúria sexual e (suspeito também) concordam com elas em vista de seus costumes sociais e disposições legais.

No que diz respeito aos indivíduos envolvidos nessas práticas: a questão não é apenas biológica, uma questão material relacionada ao dever de reprodução; a questão é sobretudo espiritual, e vimos algumas razões para isso no presente ensaio.

Se esses homens ou mulheres sentem certos impulsos ou desejos em seus órgãos sexuais ou em outras partes de seus corpos ou mentes, isso não justifica que sigam esses sentimentos. Certamente não são forçados mecanicamente a isso – são humanos, têm livre-arbítrio e são responsáveis por seus próprios atos.

Certamente, eles não podem alcançar nenhuma 'salvação' ou 'libertação' espiritual se se deixarem levar por tais impulsos, como de fato fazem. E, claro, quanto mais cedem aos seus impulsos e desejos, mais se tornam escravos deles e mais são afetados negativamente por eles.

16. UM APELO À RECUPERAÇÃO

Se admitirmos que o mero *desejo* expresso pelos homossexuais é prova de alguma *necessidade* e *direito reais* , então toda a ética e a lei desaparecem. Pois então qualquer outra categoria de indivíduo ou grupo pode surgir e apresentar tendências sentidas como justificativas – e, de fato, é exatamente isso que já está acontecendo!

Por exemplo, pedófilos ("ora, até os macacos bonono fazem isso!") e zoófilos ("os animais são nossos primos!") estão começando a fazer suas próprias reivindicações (e, de forma preocupante, segundo notícias, alguns deles atuam no direito e em outras profissões importantes). Por enquanto, eles são reprimidos pelas autoridades, pela mídia e pela opinião pública; mas se o número deles aumentar o suficiente, quem sabe o que acontecerá?

E uma vez que algo é legalizado, passa a parecer “moral” e pode então ser ensinado e incentivado livremente. Qualquer tentativa de impedir sua expansão é considerada discriminatória. Poucas pessoas parecem ter a autoconfiança

e a coragem moral para resistir a tais desenvolvimentos; de modo que, no fim das contas, se ninguém reagir, é provável que toda a lei seja descartada como imposição arbitrária e o hedonismo tenha rédea solta.

A atual tendência social de crescente aceitação da homossexualidade foi possibilitada pela tolerância da "maioria silenciosa". Para reverter essa tendência, é necessário que as pessoas que desaprovam a homossexualidade expressem suas críticas de forma civilizada e em todas as oportunidades apropriadas, abertamente e sem medo de censura.

Mesmo em um sistema não democrático, o povo é, em última instância, responsável pelos atos de seus governantes, supondo que pudesse, com coragem, destituí-los; muito mais, em uma democracia, somos todos culpados pelas fraquezas de nossos líderes se não nos manifestarmos e os repreendermos.

Em vez de optarmos pela conciliação e pelo compromisso, devemos exigir, em nome da decência comum e pelo bem das gerações futuras, a *descriminalização progressiva e a recriminalização* dos homossexuais. O objetivo dessa recuperação legal não seria perseguir os homossexuais existentes, mas sim impedir a propagação da homossexualidade.

Numa primeira fase, pelo menos, os homossexuais deveriam ser legal e constitucionalmente proibidos de adotar crianças. É impensável que órfãos inocentes sejam legalmente

entregues a desviantes sexuais, que poderiam abusá-los e que, em qualquer caso, os corromperiam espiritualmente.

Em segundo lugar, o casamento entre pessoas do mesmo sexo deve ser proibido em todas as jurisdições. Permitir isso implica que a sociedade em geral abençoa e participa de tais uniões; além disso, conceder aos homossexuais o status legal de casais casados ou algo semelhante constitui financiamento, por parte da sociedade, de atividades homossexuais.

Em terceiro lugar, todas as manifestações públicas, a pornografia e a exaltação da homossexualidade devem ser proibidas. Se adultos que consentem desejam praticar essa forma de sexualidade, devem fazê-lo pelo menos em privado, e não ostentar sua perversão em público (diretamente ou por qualquer meio ou fórum), e particularmente não na frente de crianças.

Mas, em última análise, é a prática da homossexualidade em si que precisa ser, em princípio, tornada ilegal novamente. Uma sociedade que tolera, quanto mais promove, tal corrupção não pode esperar sobreviver por muito tempo [46]. Se há alguma lição a ser aprendida com a permissividade das últimas décadas, é que as pessoas passam a pensar que o que é "legal" é "ético". Elas interpretam a tolerância na prática como aprovação em princípio.

Em teoria, algo pode ser antiético, mas ainda assim legal. Não podemos esperar que a lei imponha toda (ou mesmo a

46 Considere a Roma antiga e outros exemplos históricos.

maior parte) da ética – isso seria uma receita para o totalitarismo. O significado e a autoridade moral da ética residem precisamente no fato de que as pessoas podem escolher livremente segui-la ou não. Mas, na prática, muitas pessoas (ignorantes) confundem permissibilidade legal com permissibilidade ética, e essa observação deve ser levada em consideração na formulação de políticas sociais e das leis que as impõem.

Declarar algo ilegal significa torná-lo passível de punição. Se a violação da proibição proposta não tivesse consequências materiais, a lei não seria obedecida. A ameaça de algum tipo de retaliação visa não tanto à vingança, mas à dissuasão. Pelo menos algumas pessoas pensariam duas vezes antes de se envolverem em atos homossexuais. Não há necessidade de uma "caça às bruxas", mas sim de uma demonstração de firme resolução por parte da sociedade para coibir tais práticas.

Assim, o que está sendo defendido aqui é nada menos que uma reversão radical das tendências culturais e legais pró-homossexuais das últimas décadas. A sociedade precisa se perguntar como será se continuar cedendo diante da atual agressão homofóbica. O público deve reagir com responsabilidade e, com determinação, recuperar a sanidade e a força coletivas perdidas. Há bons motivos para sermos intransigentes.

A sociedade é moralmente responsável pelos rumos que toma. Quando consideramos o impacto da legalização da homossexualidade, especialmente sua disseminação para

pessoas que, de outra forma, jamais a considerariam, fica evidente que testemunhamos uma falha espiritual desastrosa por parte da sociedade como um todo, uma criminosa abdicação moral por parte de muitos de seus líderes culturais e políticos, legisladores e juízes.

Em vez de proteger os puros e inocentes, incentivam ainda mais a corrupção. As presentes palavras não são, claramente, um apelo à repressão violenta, mas sim à reflexão racional sobre formas e meios de prevenir legalmente a desintegração espiritual e social. *Podem* ser aprovadas leis e emendas que proíbam e reprimam certas práticas; não há nada de imoral em tais medidas legislativas.

Buscar ativamente reformas sociais e legais é *exercer nosso direito e dever democrático de determinar a forma da sociedade* . Algumas pessoas podem ser ameaçadas com represálias legais, sob certas leis vigentes, por esse ativismo; mas é importante lembrar que, em nenhum regime democrático, é realmente ilegal defender e lutar por mudanças na lei.

Anexo

17. OS RABINOS DEVEM BANIR OS HOMOSSEXUAIS DO JUDAÍSMO.

Este é um apelo às autoridades religiosas judaicas (ortodoxas ou tradicionais, pelo menos) para que tomem medidas mais decisivas contra a disseminação da homossexualidade nos dias de hoje.

Os rabinos deveriam impor um ***cherem*** (banimento, excomunhão, anátema) aos homossexuais [47], e até mesmo aos 'homófilos' (apoiadores da homossexualidade), para impedir que o crescente flagelo social da homossexualidade se

[47] Este termo refere-se a todas as pessoas que mantêm relações sexuais com parceiros do mesmo sexo. Com a possível exceção de hermafroditas e pessoas cujo genótipo e fenótipo não correspondem (estimadas em 50 a 100 indivíduos por milhão de habitantes), que devem ser consideradas caso a caso, por uma questão de justiça; nesses casos, o status de seus parceiros sexuais também deve ser examinado especificamente.

espalhe ainda mais. Se necessário, os rabinos deveriam instituir um *takana* (decreto corretivo) para esse efeito.

Os ativistas homossexuais modernos têm um projeto social, que chamam de "sociedade homossexual". Nessa sociedade, os homossexuais se beijarão em público e se casarão; adotarão e criarão filhos, e talvez um dia tenham filhos geneticamente modificados; o Estado obrigará empregadores e empregados a aceitá-los e até mesmo a honrá-los; a homossexualidade será explicada e até mesmo elogiada nas escolas desde a infância; os homossexuais serão exibidos abertamente e retratados como atraentes na mídia; e assim por diante.[48]

Essa situação alarmante já existe , em diferentes graus, em muitos países ocidentais hoje em dia, incluindo Israel.

Se nos referirmos apenas à Torá, a homossexualidade pareceria (embora rotulada como uma abominação e, em princípio, punível com a morte [Levítico 20:13]) apenas um pecado privado pelo qual cada *indivíduo* terá de prestar contas perante Deus. Atualmente, a maioria dos rabinos trata o assunto dessa forma, sem realmente refletir sobre as implicações de uma posição tão limitada.

---

48 Este projeto social talvez faça parte de um maior, que podemos chamar de "sociedade sexual". Nessa sociedade, haveria, por assim dizer, uma orgia coletiva permanente. As relações sexuais seriam a principal forma de interação entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres, adultos e crianças, e até mesmo humanos e animais. O modelo para esse "ideal" social é o filme pornográfico, onde as pessoas estão constantemente se masturbando ou fazendo sexo com alguém ou algo.

Mas a crescente extensão dessa perversão na população, e o perigo de ela infectar cada vez mais pessoas devido à agressividade da propaganda e do ativismo em seu favor, fazem dela um problema *coletivo* de proporções inimagináveis (em gerações passadas), uma doença social. Cada homossexual, individualmente, pode não ter muita importância para ninguém além de si mesmo; mas quando seu número aumenta o suficiente, eles se tornam um grave perigo social.

Não apenas os próprios homossexuais são culpados desse pecado social maior, mas também todos os líderes espirituais, educadores, jornalistas, políticos, juízes, policiais, artistas, etc., que apoiam ou defendem a homossexualidade de alguma forma, ou simplesmente se abstêm de denunciá-la e opor-se a ela, são culpados desse megapecado. Tolerância ou apologia ao mal é imoralidade disfarçada de moralidade.

É absurdo e tímido, neste contexto, argumentar (como alguns fazem) que "o pecado" (a homossexualidade) deve ser odiado, mas não "os pecadores" (homossexuais e homófilos). Na oração *Amidá* , a bênção *lamalchinim* termina com uma clara condenação dos pecadores, e não meramente do pecado em abstrato. A vida é um teste, e há preços a pagar por más ações. O "politicamente correto" moderno não é uma virtude segundo o judaísmo normativo, mas uma violação imperdoável do dever para com a verdade e a justiça.

Rabinos reformistas e conservadores que praticam, apoiam ou simplesmente toleram a homossexualidade devem ser os

primeiros a serem expostos e condenados como hereges extremistas e perigosos. O judaísmo normativo perderá sua autoridade moral se permanecer em silêncio e passivo diante deste mais recente ataque à moralidade judaica e humana. Melhor excluir do que incluir pessoas tão perversas; melhor ser poucos e puros do que muitos e impuros.

Aliás, outras religiões deveriam fazer o mesmo e excluir e condenar energicamente todos os homossexuais e homófilos voluntários. Essas pessoas não devem ter permissão para pensar que sairão impunes de seus crimes contra a humanidade. Só assim essa loucura crescente será detida.

Os rabinos ortodoxos precisam despertar para as intenções criminosas, tanto espirituais quanto sociais, dos homossexuais e homófilos e combatê-las seriamente. Até agora, sua resposta tem sido muito branda, demonstrando incerteza sobre como reagir ao atual ataque aos valores tradicionais. Devido à ingenuidade política, falharam em sua obrigação de liderança na defesa da moralidade pública.

Os apologistas da homossexualidade aparentemente conseguiram convencer alguns rabinos ingênuos de que o comportamento homossexual pode ser uma doença mental ou uma compulsão genética, de modo que os homossexuais deveriam ser alvo de compaixão e ajuda, em vez de serem desaprovados e rejeitados. No entanto, as alegações de doença mental ou diferença física não têm qualquer fundamento científico. E, de qualquer forma, hoje em dia os homossexuais preferem ser considerados “normais” a serem

desculpados (e, portanto, humilhados) como anormais ou subnormais.

Além disso, a Torá deixa claro que a homossexualidade é uma transgressão voluntária; caso contrário, não decretaria a punição mais severa para ela, universal e incondicionalmente. É um comportamento imoral pelo qual os perpetradores são pessoalmente responsáveis. Eles não têm ninguém nem nada a quem culpar senão a si mesmos.

A sentença de morte prevista na Torá para a homossexualidade dizia respeito apenas a homens, de acordo com a lei judaica (*halachá*). Não tenho certeza se isso é interpretado como uma sentença a ser executada por Deus ou pelos tribunais rabínicos. Em todo caso, o presente apelo não visa defender a restauração de tais execuções, caso elas tenham ocorrido na história. Os rabinos não possuem tais poderes hoje, nem em Israel nem em qualquer outro lugar, e não me ocupa essa questão.

O ponto aqui é que podemos aprender uma lição com a severidade da sentença da Torá. A morte é a expulsão permanente deste mundo; em vez disso, podemos ao menos expulsar da sociedade judaica os judeus que transgridem dessa forma. Esta última é uma sentença menos severa, mas a melhor alternativa. Além disso, o ostracismo pode ser aplicado tanto a mulheres quanto a homens homossexuais, e também a defensores não homossexuais da homossexualidade.

No mundo moderno, a igualdade entre homens e mulheres é muito importante; as pessoas não considerariam justo o

tratamento desigual entre eles. Observe que os rabinos também consideram a homossexualidade feminina indecente, embora em menor grau [49]. No entanto, a proibição aqui proposta não se destina a punir pecados semelhantes; ela se destina a ser um ato político para prevenir a disseminação da doença na população, um ato de higiene social [50].

A Torá não justifica uma resposta relativamente branda a esse pecado; ela não prevê, por exemplo, nenhum ritual de purificação ou sacrifício no templo relacionado a ele. Nenhum arrependimento apagará tais transgressões passadas; tudo o que o arrependimento pode fazer aqui é resolver não repeti-las no presente ou no futuro.

Portanto, os rabinos não devem ter dúvidas quanto à adequação e justiça de uma postura firme e intransigente contra a homossexualidade. Uma resposta fraca, sob o

---

49 Em meu ensaio *"Não a Sodoma"* , também admito (com base em argumentos mais naturalistas) que os atos homossexuais femininos são de certa forma menos imorais do que a sodomia entre homens.

50 Segundo uma estimativa (ver Jpost.com, 3 de janeiro de 2008), existem cerca de 18.000 casais do mesmo sexo em Israel; ou seja, 36.000 pessoas! Suponhamos que esse mesmo número seja composto por homossexuais que não vivem em relacionamentos, e que haja um número proporcional de pessoas de origem judaica que sejam homossexuais fora de Israel (especialmente nos EUA, imagino). Então, podemos estimar um *total mundial* de cerca de 100.000 indivíduos. Isso é uma epidemia, um verdadeiro desastre para o povo judeu. O objetivo de uma proibição seria remover as maçãs podres do barril judaico, ou eliminar as ovelhas doentes do rebanho, antes que infectem mais pessoas. Essa é a forma profilática, usada na jardinagem, na pecuária e na medicina.

pretexto "humanitário", simplesmente não resolverá o problema. Ela apenas maculará o judaísmo e a credibilidade dos rabinos, ao dar a impressão de que estão tolerando tal comportamento.

Note-se que tal proibição não é desumana pelos padrões modernos. Não implica que as pessoas em questão sejam desumanas – apenas lhes nega o direito de se autodenominarem judeus e de desfrutar dos privilégios que essa designação implica. Não é discriminatória em termos gerais – apenas expressa o direito de qualquer grupo religioso de escolher seus companheiros espirituais.

Se você tentar demonstrar tolerância para com os homossexuais na esperança de reformá-los, estará apenas encorajando potenciais homossexuais. Uma atitude benevolente e "liberal" nesse assunto não salvará muitas almas; pelo contrário, causará a perda de muitas outras, pois as pessoas não levarão a interdição a sério. Muitos judeus já foram irremediavelmente maculados e estão espiritualmente como mortos. Esqueçam-nos, estão perdidos para sempre; pensem, antes, naqueles que ainda não foram maculados. E a questão é urgente.

Durante anos, líderes espirituais judeus permitiram que o problema da homossexualidade se desenvolvesse na sociedade em geral, sem jamais pregar contra ela nas sinagogas ou fazer qualquer outro esforço visível para combatê-la. É claro que eles esperavam que o problema desaparecesse por si só, mas ele está evidentemente se agravando. Admite-se que não está claro o que eles poderiam

fazer a respeito, visto que a grande maioria dos judeus que transgridem dessa maneira nunca frequenta a sinagoga ou está sob influência rabínica.

Os rabinos falam abertamente sobre a observância do Shabat ou sobre não comer carne de porco, mas, compreensivelmente, hesitam em nome da modéstia (*tsniut*) em dar sermões públicos sobre comportamento sexual decente. O problema é que esse silêncio virtuoso deu ao público a impressão de que a homossexualidade não é uma questão realmente importante aos seus olhos – ou que as forças do mal em ação são fortes demais para serem desafiadas. De qualquer forma, 'pregar para convertidos' não resolve o problema em questão.

O que se faz necessário é uma declaração forte que alcance o público em geral. A proibição proposta é exatamente isso. Ela irá, e deve, *escandalizar* todas as pessoas de mentalidade convencional, que foram condicionadas pela mídia a considerar a homossexualidade como normal e sua defesa como correta. Elas acusarão os rabinos de extremismo e outros insultos semelhantes, para intimidá-los e forçá-los à submissão. Muitos judeus também se oporão e temerão, exigindo que os rabinos mantenham um perfil discreto sobre o assunto. Mas alguns jovens certamente captarão a mensagem e se livrarão de seguir essa moda decadente.

Prezados rabinos, as pessoas verdadeiramente puras espiritualmente não devem temer o mal. Considerem que, atualmente, homossexuais estão organizando marchas obscenas pelas ruas de Israel, inclusive em Jerusalém. Isso

serve para legitimar a homossexualidade e torná-la popular, disseminando-a. Alguns rabinos se opuseram verbalmente, ou até mesmo recomendaram contramanifestações, mas essas medidas tímidas estão longe de ser suficientes para deter essa tendência; é preciso muito mais força para derrotar esse monstro. Posicionem-se firmemente e ajam com decisão.

Os homossexuais estão usando astutamente todas as ferramentas que lhes são fornecidas por uma interpretação simplista e falaciosa da democracia para promover sua causa subversiva. Eles são um grupo de pressão instruído e rico, numeroso e influente o suficiente para afetar legislaturas nacionais e organismos internacionais. A julgar por seus sucessos na América do Norte e na Europa, eles conseguirão muito em breve obter em Israel toda a liberdade legal que desejam para corromper muitos jovens judeus. Não se surpreenda se, além disso, com o tempo, eles exigirem que os versículos anti-homossexuais da Torá sejam censurados.

Mas existe apenas uma maneira de impedir que essas pessoas repugnantes avancem ainda mais, pelo menos no mundo judaico. É que todas as autoridades rabínicas em Israel (e, de fato, no mundo) se reúnam e declarem conjuntamente que todos os homossexuais e homófilos assumidos *não são mais judeus* . Somente uma proibição tão poderosa pode incutir o temor de Deus no coração de algumas dessas pessoas, e somente os rabinos mais influentes (pelo menos os ortodoxos e tradicionais) têm o poder institucional e moral para fazê-lo.

Os termos "judeu" e "homossexual" devem ser entendidos por todos como antíteses, termos contraditórios. Não pode

existir algo como um "judeu homossexual": tal conceito é vergonhoso para todos os judeus decentes. Judeus comuns não querem ser associados a homossexuais, nem mesmo em pensamento. Tal comportamento é a personificação da depravação, algo incompatível com o judaísmo. Que fique bem claro: se você é judeu, não pode ser homossexual; e se você é homossexual, não pode ser judeu.

Se alguém assume publicamente sua homossexualidade na mídia, ou admite ser homossexual diante de duas ou mais testemunhas, essa pessoa deve ser formalmente banida da religião judaica (por exemplo: Dana Olmert, filha do atual primeiro-ministro, e vários rabinos reformistas e conservadores).

Além disso, se alguém, por palavra ou ação, se posicionar publicamente a favor da homossexualidade ou dos "direitos" dos homossexuais, essa pessoa deverá ser igualmente declarada excluída da religião judaica (por exemplo: certos juízes da Suprema Corte de Israel, certos membros do Knesset, certos acadêmicos e jornalistas).

O que significa excomunhão? Se for um homem, ele não será mais contado como parte de um *minyan (grupo de cinco fiéis)* nem será chamado para a leitura da Torá, nem terá direito a quaisquer dos deveres e privilégios normalmente concedidos aos judeus. Se for uma mulher, quaisquer filhos que ela tiver dali em diante não serão reconhecidos como judeus. Além disso, essas pessoas não devem ser admitidas nos serviços de Yom Kippur (oração da tarde) nem ser sepultadas em cemitérios judaicos.

Essas exclusões podem ser difíceis de administrar e aplicar na prática, mas a mensagem teórica que transmitem é importante e eficaz. Um tribunal rabínico teria que decidir cada caso, e uma lista negra centralizada teria que ser mantida.

Algumas pessoas inevitavelmente objetam: e quanto à *teshuvá* (arrependimento)? Se os rabinos consideram os ex-homossexuais redimíveis (embora eu não veja com base em quê), então, se depois de serem expulsos do judaísmo essas pessoas sinceramente quiserem retornar, elas teriam que passar pela conversão *haláchica* como qualquer outro não judeu. A maioria das pessoas envolvidas não se importa com sua identidade judaica mesmo; mas algumas podem repensar e mudar de vida.

Note-se que governos seculares não podem, legalmente, fazer absolutamente nada para impedir que autoridades religiosas excluam quem quiserem de sua religião. Uma religião é como um clube privado, em princípio livre para escolher seus próprios membros. É claro que um governo pode reter financiamento essencial e usar meios semelhantes de pressão, ou mesmo perseguir e prender pessoas sob qualquer pretexto; mas, nesse caso, cabe aos rabinos decidir o que é mais importante para eles.

Os rabinos não podem permanecer passivos; eles precisam fazer algo; esse é o seu dever. A excomunhão é a única ferramenta de poder que os rabinos têm à sua disposição imediata, se realmente se opõem à homossexualidade. Somente por meio de medidas tão radicais e enérgicas é

possível conter essa onda. Se nossos líderes espirituais não demonstrarem a coragem e a determinação necessárias, terão falhado verdadeiramente em seu ministério; e o mundo ficará ainda mais confuso, sombrio e cruel.

Suplemento

18. FILOSOFIA DO DIREITO

(De *Vontade e Conceitos Causais Afins* , capítulo 18:3.)

A ética surge naturalmente, em primeiro lugar, no indivíduo, no sentido de que ele ou ela pode ter certos imperativos, inibições ou liberdades. A ética como fenômeno social provavelmente surgiu na família, onde o chefe da família (com base em sua ética pessoal) dava conselhos ou ordens e era obedecido (seja por amor ou medo). De forma mais ampla, a comunidade circundante teria tradições e regras a serem respeitadas, bem como conselhos ou ordens da liderança, qualquer que fosse ela, para manter os laços sociais. Eventualmente, o xamã local ou outra figura religiosa dava instruções, em nome da divindade ou divindades do grupo. À medida que essas éticas sociais informais se tornaram instituições mais formais, o conceito de lei emergiu.

O que pretendo discutir aqui é a distinção entre princípio ético e legalidade, para enfatizar que *tornar algo legal não o torna moral; tornar algo ilegal não o torna imoral.*

Uma distinção que as pessoas frequentemente confundem é a que existe entre direito ético e direito político. De modo geral, as pessoas entendem que as leis atualmente em vigor em um país (aqui denominadas leis "políticas", ou seja, promulgadas e aplicadas pelo corpo político, embora possam tratar de qualquer assunto) não são necessariamente morais em seu conteúdo; mas também costumam considerar que o que essas leis permitem é, em última análise, permissível e o que elas proíbem deve ser evitado.

Por essa razão, a sociedade pode, em alguns casos, proibir práticas que seus defensores alegam serem inofensivas, por serem "atos privados entre adultos que consentem" – sob o argumento de que tais atos, no entanto, afetam indiretamente pessoas que não são diretamente envolvidas neles. Por exemplo, a homossexualidade pode ser razoavelmente considerada ilegal, visto que sua legalização dá a alguns jovens a impressão de que é moral, causando a disseminação desse comportamento, para consternação e contra a vontade de muitos cidadãos (incluindo muitos pais), de modo que deixa de ser um assunto privado e passa a ser uma questão de política pública.[51]

Consideremos brevemente os conceitos envolvidos. Idealmente, uma ética absoluta derivaria de uma reflexão sábia e informada sobre a natureza humana e o lugar do homem no mundo. Munido de tais diretrizes morais gerais, cada ser humano bem-intencionado seria, em princípio, capaz de discernir o certo do errado em cada situação particular que enfrentasse e exerceria sua vontade de acordo

---

51 Mesmo que os praticantes não fizessem nada para promover sua prática, sua mera *influência negativa* na sociedade seria motivo suficiente para proibi-la; quanto mais se eles se esforçassem para propagá-la.

com isso. Não haveria necessidade de leis impostas pela sociedade.

Na prática, um cenário utópico como esse só pode levar ao caos social. Mesmo em uma sociedade repleta de boa vontade, as pessoas têm ideias diferentes sobre o que é certo ou errado, e provas absolutas são difíceis de encontrar. Ainda mais porque os seres humanos têm livre arbítrio e muitos deles – sob diversas influências – frequentemente optam pelo que consideram ruim, em vez de (como ditaria a lógica) fazer o bem. Conflitos, portanto, surgem inevitavelmente, o que acaba sendo prejudicial para todos. Por essas razões, geralmente se concorda que alguns padrões mínimos comuns precisam ser impostos convencionalmente pela maioria ou por uma minoria com poder.

Assim, constituímos estados, governos, legislaturas, judiciários e forças policiais, que, em conjunto, elaboram e aplicam leis. Um princípio orientador na promulgação e aplicação dessas leis seria o de que "os direitos de uma pessoa terminam onde começam os direitos das outras". Outro ditado útil é "não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você". Mas, claramente, tais afirmações não nos fornecem uma ciência exata. Nem sempre é fácil decidir o que precisa ser legislado e o que é melhor deixar como está. A ciência política é uma disciplina empírica e em constante mudança.

Nessa perspectiva corrigida, a lei ética abrange toda a ação humana, enquanto a lei política abrange apenas parte dela. A primeira é idealmente universal; porém, apenas uma fração ou subconjunto dela é politicamente promulgada e aplicada, sendo o restante responsabilidade do indivíduo descobrir ou, pelo menos, praticar.

O alcance do direito político é vasto, mas não tão vasto quanto o do direito moral. Abrange o direito penal (contra homicídio, roubo, etc.), o direito civil (relativo a casamento, herança, etc.), o direito comercial (relativo a propriedade, contratos, etc.) e, de fato, qualquer questão jurídica que possa surgir nas interações entre seres humanos.

Teoricamente, pelo menos, o propósito dessas leis é assegurar a paz social, o bem comum, a segurança pessoal, a justiça e assim por diante – embora, na prática, como todos sabem, elas frequentemente sejam instrumentos de exploração e injustiça. Em princípio, o que as diferencia da massa de leis éticas é a necessidade de reduzir os atritos entre as pessoas a um mínimo razoável. Historicamente, esse minimalismo nem sempre foi aceito; algumas sociedades foram totalitárias, tentando controlar quase tudo.

Na prática, por razões epistemológicas já expostas, os domínios da ética e do direito político tendem a se distanciar um pouco, de modo que, embora os dois domínios se intercruzem em certa medida, o domínio político não está totalmente contido no domínio ético, mas fica parcialmente fora dele. As leis promulgadas pela sociedade, seja por meios democráticos ou não, podem diferir das leis sugeridas pela consciência pessoal ou pelo estudo e debate racional de filósofos da ética.

Essa divergência é, em alguns casos, razoável; mas, frequentemente, é irracional. Em um sistema de governo não democrático, os preconceitos de uma minoria governante são impostos à maioria, sem espaço para debate. Em uma democracia, onde, em princípio, o argumento racional é a regra, *grupos de pressão* ocasionalmente conseguem formular leis que se alinham com seus pontos de vista aberrantes, simplesmente em virtude do poder de seus

números ou por meio de outras considerações que forçam os políticos a se submeterem à sua vontade. Nas últimas décadas, muitas atividades tradicionalmente consideradas imorais foram declaradas legais em países ocidentais.

Agora, deixe-me dizer que isto não é um tratado político [52]; não espero que nada do que eu diga ou faça seja capaz de estancar essa maré infeliz. Minha filosofia da história é muito cética. *Em cada geração, alguma crença equivocada, difundida por grandes segmentos da população, vem à tona e ganha ascendência, até que chega à sua conclusão absurda natural, como uma ferida que estoura e libera pus, e o desastre acontece, de modo que um número suficiente de pessoas aprende a evitar essa tolice específica dali em diante.*

O nazismo e o comunismo foram exemplos típicos: surgiram na história sob aplausos populares e partiram em meio a incontáveis lágrimas. Os povos da Europa aprenderam certas lições sobre o uso ativo da força bruta, a perseguição de minorias raciais, o ódio nacional e de classe, e assim por diante; mudaram um pouco seus costumes depois disso. Poderiam ter evitado tanto sofrimento e dor se tivessem recorrido à razão, em vez de cederem às suas emoções mais baixas.

Lembre-se de que Hitler foi eleito democraticamente (mais ou menos). Realisticamente, a democracia é, sem dúvida, o melhor e mais justo sistema de governo disponível; mas,

---

52 Geralmente evito comentários ou debates políticos em meus escritos, pois meus objetivos filosóficos se situam em um nível mais profundo de epistemologia e ontologia. A controvérsia certamente afastará alguns leitores, que podem considerar algumas das minhas opiniões como excessivamente "liberais" ou excessivamente "conservadoras".

como todos sabemos, não é perfeita. O fato de determinada legislação ser aprovada não é prova de apoio popular, muito menos de justiça [53]. A maioria das leis se baseia na democracia indireta; os legisladores e juízes envolvidos podem muito bem ser covardes, amorais ou ter interesses pessoais comprometidos. Se fossem utilizados referendos, os resultados poderiam ter sido muito diferentes. Mas mesmo no caso de leis estabelecidas por democracia direta, *o número de votos não determina o que é certo ou errado* .

Dessa reflexão depreende-se que o fato de algumas leis em vigor prescreverem, permitirem ou proibirem, do ponto de vista sociopolítico, certos padrões de comportamento, não significa que esses padrões sejam prescritos, permitidos ou proibidos, respectivamente, do ponto de vista ético ou moral. Aquilo que a sociedade favorece (ou proíbe) pode, contudo, estar errado (ou certo, respectivamente) do ponto de vista ético. Os argumentos envolvidos podem ter sido falaciosos ou baseados em informações insuficientes.

Os conceitos de "legal" e "moral" devem ser entendidos como categorias distintas e separadas, embora conceitualmente estejam parcialmente relacionados (como já explicamos). Tornar algo legal não o torna moral; tornar algo ilegal não o torna imoral. Os jovens, em especial, devem ser conscientizados dessa importante distinção.

O indivíduo pode não considerar razoavelmente a existência de certas tendências legais nos códigos como indicativas de verdade ética, porque a legislação não se baseia exclusivamente na reflexão racional, mas depende de *forças sociais* . O legislador pode ser criticado por induzir seus

---

53 Além disso, o apoio dos principais meios de comunicação não significa nada.

concidadãos ao erro, mas estes continuam responsáveis por seus próprios atos.

O indivíduo ainda é obrigado a pensar por si mesmo e a, no mínimo, considerar os conselhos éticos das sábias doutrinas produzidas pela humanidade. A existência de liberdades ou limites políticos não exime o indivíduo da responsabilidade moral por suas escolhas. A legislação não substitui a consciência, nem serve de álibi para a abdicação moral. Embora uma ameaça ou proteção legal possa atenuar a responsabilidade moral, ela não a absolve.

Do ponto de vista ético, as leis são apenas um fator influente entre outros no comportamento, e em certos casos pode ser sensato desconsiderá-las ou opor-se a elas voluntariamente.

Obras de Avi Sion

Avi Sion é autor de diversas obras sobre lógica e filosofia: Future Logic (1990); Judaic Logic (1995); Buddhist Illogic (2002); Phenomenology (2003); The Logic of Causation (1999, 2003, 2010); Volition and Allied Causal Concepts (2004); Ruminations (2005); Meditations (2006); Logical and Spiritual Reflections (2008-9); A Fortiori Logic (2013). Essas obras podem ser estudadas gratuitamente em: www.TheLogician.net.

ISBN 978-1497304727